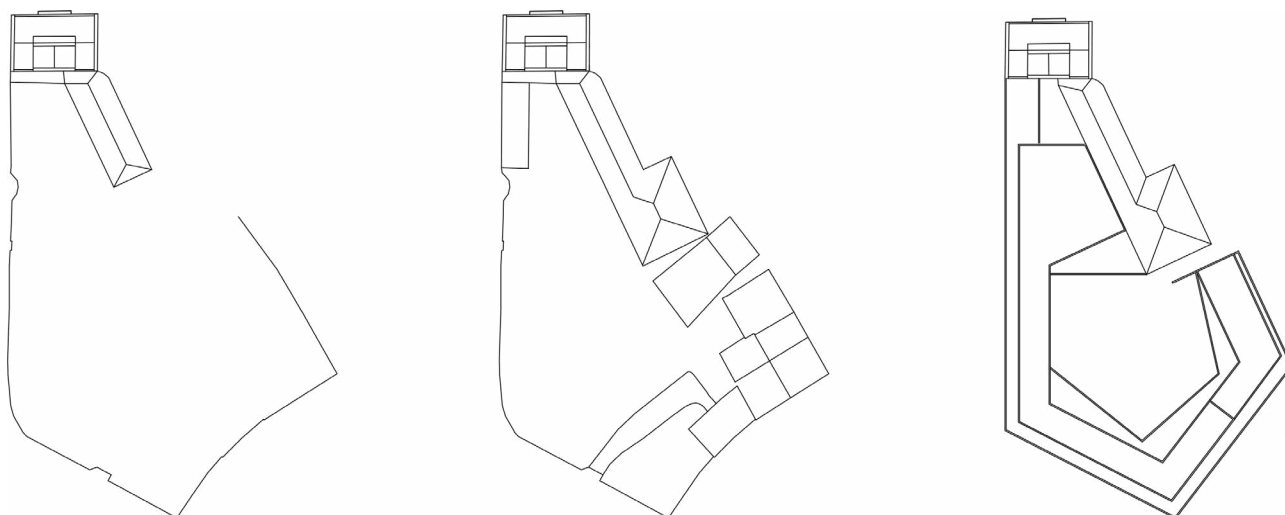


MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO
SEMINÁRIO DE GAVIÃO



Mariana Guerreiro Pio

(Licenciada)

Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de orientação científica:

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

Júri:

Presidente: Professora, Doutora, Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Vogal: Professor, Doutor, Ricardo Jorge Fernandes da Silva Pinto

Vogal: Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Lisboa, FA ULisboa, Julho 2016

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

**UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO
SEMINÁRIO DE GAVIÃO**

Mariana Guerreiro Pio

(Licenciada)

Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Equipa de orientação científica:

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite
Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

Lisboa, FA ULisboa, Julho 2016

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposra de reabilitação e reconversão de uso do edifício do
Seminário de Gavião

Autora: Mariana Guerreiro Pio

Equipa de orientação:

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

Mestrado Integrado em Arquitetura

Lisboa, Junho 2016

RESUMO

A crescente desocupação dos centros urbanos das cidades e a consequente procura pela reabilitação dos edifícios presentes nestes centros, leva a que a arquitetura tenha cada vez mais preocupações com este tipo de intervenções. A forma como estes 'lugares' são reinventados também têm despoletado preocupações no que concerne à memória. Assim, emerge a temática "Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica". Por isso, pode afirmar-se que é essencial relacionar a arquitetura e a sua reinvenção com os seus desencadeantes. É, portanto, nesta relação, que se encontra a estreita ligação existente entre a arquitetura, a reinvenção e o património edificado. Na continuidade deste pensamento surgem alguns conceitos considerados fundamentais para o estudo da memória e da reinvenção.

Neste enquadramento surgiu o atualmente designado Seminário de Gavião, na Vila de Gavião, como elemento de projeto no qual se tentou reinventar a sua arquitetura alicerçado na questão fundamental deste trabalho: a memória. Numa tentativa de não descurar os elementos que transportam a memória surge então um projeto no qual são aplicados os conceitos de património e reinvenção. Com base nestes conceitos, analisam-se ainda teorias intervencionistas,

como Viollet-le-Duc em oposição à teoria anti-intervencionista de John Ruskin.

Por fim, resulta um projeto de reinvenção arquitetónica no qual o principal elemento desencadeante é a memória, surgindo ainda algumas ideias que permitem ter por base num projeto em que o intuito da intervenção seja semelhante ao apresentado.

Conceitos-chave

Memória, lugar, requalificação urbana, reabilitação, património,
Seminário de Gavião

The memory as trigger of architectural reinvention

One propose of rehabilitation and reconversion of use of Gavião's Seminar

Author: Mariana Guerreiro Pio

Supervisors:

Professor Doutor, Arquiteto, António Miguel Santos Leite

Professora Doutora, Arquiteta, Ana Marta das Neves Feliciano

Master in architecture

Lisboa, Junho 2016

ABSTRACT

The growing unemployment in urban centers of the cities and the consequent demand for rehabilitation of buildings present in these centers means that the achitecture has increasingly gained concern whit these type of interventions. The way these 'places' are reimagined have also gained a concer when it comes to memory. Thus, the issue arose: "The memory as trigger of architectural reinvention". It is, therefore, essential to relate the architecture and it's reinvention with their triggers. Therefore it is essential to connect architecture reinvention and its heritage. It is still en thus train of thought that are find some concepts considered fundamental to the study of memory anda reinvention.

Following this, came the recently assigned Seminar of Gavião, in the village of Gavião as an element in using always the fundamental question of this work: memory. In an attempt to not neglect, the elements that carry memory, later comes a project which are applied the concepts of heritage and reinvention, based on these concepts, we further analyse interventionist theories such as Viollet-le-Duc in opposition to anti-interventionist theory of John Ruskin.

Finnaaly, it results in architectural reinvention project in which the main triggering element is the memory, eliciting some ideas that allow

it be based on a project in which the intervention order is similar to that shown.

Keywords

Memory, place, urban requalification, rehabilitation, heritage, Gavião's Seminar

AGRADECIMENTOS

No final da realização deste trabalho que marca o fim de uma etapa da minha vida, mas também o começo de uma nova, não podia deixar de agradecer a quem me acompanhou nesta caminhada do conhecimento. Um agradecimento especial a quem me acompanhou ao longo deste percurso, em especial:

aos meus orientadores pela sua constante disponibilidade, paciência e transmissão de conhecimento;

à Vera e à Sofia, pela amizade verdadeira e companheirismo;

ao Bruno, pela sua companhia nos dias mais solitários;

ao Diogo, pelo apoio e compreensão e por nunca me deixar desistir.

aos meus avós, Arminda, Emília, Eduardo e Rui, por estarem sempre presentes no meu coração e iluminarem esta caminhada.

aos meus pais, pelo amor incondicional e constante presença.

à minha irmã, pelo companheirismo e amizade, por nunca me deixar ir abaixo e pelo amor incondicional que me trouxe até ao fim.

ÍNDICE

I INTRODUÇÃO	1
 II MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA	
 1 MEMÓRIA	
1.1 Uma definição de memória	11
1.2 Memória – um conceito em constante renovação	16
1.3 Memória sobre o construído	21
2 PATRIMÓNIO	
2.1 Uma definição de património	25
2.2 Património – um conceito em evolução	27
3 REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA	
3.1 Reinventar a arquitetura	29
3.2 Reinventar sobre o construído	31
3.2.1 O conceito de restauro – duas visões antagónicas	34
3.2.2 Uma definição de reabilitação	37
3.2.3 Memória como preservação do património	39
3.3 Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica	41
4 DA TEORIA AO PROJETO - CASOS DE ESTUDO	
4.1 A pousada de Santa Maria do Bouro	46
4.2 O Hotel Inspira Santa Marta	50
5 SÍNTESE	55

III | UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DE GAVIÃO

1 O LUGAR DE INTERVENÇÃO - SEMINÁRIO DE GAVIÃO

1.1 Contexto histórico

59 1.1.1 A vila

62 1.1.2 O edifício - história e transformações de uso

2 O NOVO USO - UNIDADE HOTELEIRA

65 2.1 Integração no contexto sócio cultural da região

3 PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DE GAVIÃO

68 3.1 Intervenção urbana – reintegração do quarteirão na vila

70 3.2 Intervenção arquitetónica – a memória como desencadeante do
projeto

72 3.2.1 O muro

73 3.2.2 As abóbadas

74 3.2.3 A materialidade - cortiça e betão branco

76 3.3 Programa

78 3.3.1 Organograma distributivo

81 CONSIDERAÇÕES FINAIS

83 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

87 ANEXOS

Anexo I | Legislação Portuguesa dos espaços programáticos

Anexo II | Levantamento sobre o Seminário de Gavião

Anexo III | Levantamento fotográfico

Anexo IV | Fotografias das maquetes de estudo

Anexo V | Fotografias das maquetes finais

Anexo VI | Peças desenhadas

ÍNDICE DE IMAGENS

Capa

Evolução morfológica do seminário de Gavião

Esquema da autora

Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica

Figura 1 | Três tipos de memória segundo Jean Delay

Esquema da autora

Figura 2 | Três tipos de memória segundo Leroi-Gourhan

Esquema da autora

Figura 3 | Dois tipos de memória

Esquema da autora

Figura 4 | Ruína da Biblioteca de Alexandria (Egito), uma das primeiras do mundo

in <http://data-limite-2019.blogspot.pt/2015/10/se-ocorrer-destruicao-do-velho-mundo-do.html>

Figura 5 | Três pontos que favorecem a ligação entre o antigo e o novo segundo

Francisco de Gracia

Esquema da autora

Figura 6 | Pousada de Santa Maria do Bouro

in <http://www.cm-amares.pt/ondecomer/restaurante-pousada-de-bouro>

Figura 7 | Pousada de Santa Maria do Bouro e integração na paisagem

in <http://www.cm-amares.pt/ondecomer/restaurante-pousada-de-bouro>

Figura 8 | Pousada de Santa Maria do Bouro, as janelas como ‘buraco’

in <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74590>

Figura 9 | Fachada principal do Hotel Inspira Santa Marta

in http://www.promontorio.net/index.php?page=project&sub=2&id=31&page-Num_rs_list=1

Figura 10 | Entrada e receção

in http://www.promontorio.net/index.php?page=project&sub=2&id=31&page-Num_rs_list=1

Figura 11 | Corredor de acesso aos quartos

Fotografia da autora

Figura 12 | Relação entre o quarto e a casa de banho

in Fotografia da autora

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

Figura 13 | Evolução morfológica do seminário de Gavião

Esquema da autora

Figura 14 | Enquadramento na vila e principais pontos de atração turística

Esquema da autora

Figura 15 | O muro como existe agora- elemento conceptual e de memória

Fotografia da autora

Figura 16 | O muro - elemento conceptual e de memória

Esquema da autora

Figura 17 | As abóbadas como existem agora- elemento conceptual e de memória

Fotografia da autora

Figura 18 | As abóbadas - elemento conceptual e de memória

Esquema da autora

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

INTRODUÇÃO

A arquitetura surge da necessidade intrínseca do ser humano em se proteger do meio natural, e é nesta dicotomia entre Homem e Natureza, que, instintivamente, aquele procura refúgio. O processo evolutivo destes abrigos, essencialmente estruturas artificiais construídas por mão humana, transforma materias, espaços e lugares, distanciando-se cada vez mais do primário abrigo e com funções mais elaboradas que o simples facto de serem habitáveis. Esta diferenciação dos lugares, das construções que para além da funcionalidade inicial contém um valor artístico substancial, designa a essência da arquitetura.

A evolução da sociedade, seja do ponto de vista sócioeconómico ou cultural, seja ao nível dos materiais utilizados à época da construção inicial, torna os edifícios inadequados e conseqüentemente abandonados, pois deixam de suprir as necessidades para as quais foram construídos. Daqui decorre também um êxodo do centro das cidades havendo cada vez mais construção nova na sua envolvente e centros urbanos cada vez mais devolutos, deixando uma margem cada vez menor para a paisagem natural.

Não fugindo à regra, pode constatar-se que Portugal tem uma grande parte do território ocupado com construções verificando-se que uma parte substancial necessita de intervenção, como tal, surge a necessidade de enfatizar o tema da reinvenção arquitetónica.

Reinventar a arquitetura, reabilitar o património e preservar a memória são conceitos chave dos quais decorreram questões essenciais para a conceptualização da parte teórica deste trabalho

final de mestrado e para a concretização do projeto prático, que se passam a explicitar:

- o que é que despoleta a reinvenção arquitetónica?
- de que forma surge a necessidade de reinventar?

É no desenvolvimento destas questões e na procura incessante das respostas que lhe dêem sentido é que se consubstancia o tema central “Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica”, deste trabalho final de mestrado.

A conjugação desta temática com a necessidade de reinventar edifícios devolutos no centro das cidades, com o conhecimento empírico da vontade da população e da Câmara Municipal de Gavião têm de ver devolvido à Vila um espaço de grandes dimensões e elevado valor no que diz respeito à memória coletiva, surge o Seminário de Gavião como lugar para o desenvolvimento projetual deste trabalho. Desta forma, procuraram-se implementar as preocupações acima enunciadas, destacando a memória e a arquitetura como elementos primordiais.

Problemas/questões de trabalho e hipóteses

O tema “Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica” desenvolveu-se a partir de duas questões prévias, sendo que a primeira foi uma questão genérica e a segunda foi mais específica e complementar.

Assim, como ponto de partida surgiu a pergunta: de que forma é que, ao reabilitar o Seminário de Gavião, se pode introduzir uma nova dinâmica no edifício e no espaço envolvente de uma urbanidade ruralizante? Sem esquecer esta pergunta, surgiu ainda uma outra em que a memória teve um papel central: como é que se pode reabilitar o Seminário de Gavião e, ao mesmo tempo, preservar a sua memória?

Como tal, e como resposta a estas duas perguntas, foram formuladas hipóteses que, ao longo do trabalho, serviram como mote

para o desenvolvimento do mesmo. Em resposta à primeira questão foi colocada como hipótese a reconversão de usos, isto é, ao reconverter o seu uso para um equipamento público, pensa-se permitir criar uma nova dinâmica social e económica do espaço, tornando-o habitável em todas as suas vertentes – urbana e arquitetónica.

Por sua vez, para preservar a memória do espaço, formularam-se duas hipóteses em que a primeira previu a preservação das fachadas dentro da mesma linguagem estilística e a segunda que propõe que se mantenha integral ou parcialmente a estrutura interna do espaço. Estas hipóteses foram colocadas no início do trabalho e pretenderam servir como desencadeantes, no entanto, e ao longo do mesmo, foram sendo analisadas por forma a confirmar a sua veracidade ou não.

Objectivos

Ao longo deste trabalho final de mestrado procuraram-se cumprir alguns objetivos teóricos e práticos no sentido de promover um desenvolvimento pessoal e um conhecimento mais específico e apurado sobre a temática em apreço. Estes encontram-se divididos em duas vertentes: uma primeira mais genérica e de intervenção urbana, procurando a valorização dos espaços envolventes ao edifício do Seminário de Gavião, e outra vertente arquitetónica e centrada no mesmo, que enfatize o património e a memória coletiva da comunidade.

No plano da Requalificação urbana

- Identificar os diversos pontos com relevância histórica e patrimonial do núcleo urbano de Gavião que necessitam de ser integrados na mesma lógica de revitalização urbana, complementares ao Seminário, potenciando-as numa estratégia de conjunto;
- Criar uma estratégia de requalificação urbana que permita a reintegração, na vila, do território ocupado pelo Seminário;
- Identificar e conhecer casos de estudo nacionais e internacionais em que tenham sido mobilizadas estratégias de requalificação de núcleos

urbanos que possam ser utilizados como base para o desenvolvimento de projeto .

No plano da Requalificação arquitetónica

- Reabilitar o edifício do Seminário de Gavião tendo em vista dar-lhe outro tipo de utilização;
- Perceber como é que um novo uso pode ser benéfico a nível social, económico e político e como é que este pode ajudar na consolidação do núcleo urbano da vila;
- Identificar os elementos construídos que permitem ter uma memória do lugar – elementos de carácter urbano e arquitetónico;
- Identificar e conhecer casos de estudo nacionais e internacionais, em que a reabilitação de um edifício tenha sido usado como motor para a introdução de uma nova funcionalidade no edifício;
- Procurar perceber a importância da memória do lugar, e quais são os aspetos ou elementos arquitetónicos que transportam essa memória e reintroduzi-los na proposta projetual.

METODOLOGIA

Este Trabalho Final de Mestrado, com o tema “Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica” está apoiado numa metodologia que se inicia com a recolha de informação, que passa pela revisão da literatura, ou seja, pela verificação do estado da arte, fundamentando as opiniões apresentadas nos autores consultados; a sua análise aprofundada e a crítica, no sentido de discernir quais as teorias que melhor se enquadram o presente projeto; e por fim, a sua aplicação num projeto prático que resulta da confluência de diferentes ideias e conhecimentos adquiridos na componente teórica.

Na base teórica foram desenvolvidas, através de pesquisa e análise de bibliografia de relevo de diversos autores, questões relevantes como a reabilitação do património e como a preservação da memória do lugar, cuja conceptualização e explicitação fazem parte da centralidade deste trabalho. Para isso, primeiro foi necessário analisar o que é a ‘memória’, o ‘património’ e como é que se pode intervir nos lugares. Também foi considerado fundamental, para se proceder à intervenção, perceber como é que a reabilitação de um edifício histórico, a nível local, pode ter influência no espaço da ‘cidade’, sendo que esta perceção decorre da necessidade de intervir sem descaracterizar o espaço intervencionado. Para isso, recorreu-se à comparação com casos de estudo semelhantes, localizados em território nacional, que mesmo em regiões diferentes, preservam características da memória. Todo o trabalho foi fundamentado, recorrendo a elementos bibliográficos que suportaram as decisões tomadas ao longo quer da base escrita, quer do projeto.

No que toca à memória e autenticidade do lugar, foi essencial analisar e perceber como é que estas poderiam ser mantidas através da reabilitação. Para isso, recorreu-se à recolha, leitura e análise de bibliografia sobre estes domínios, sintetizando as suas opções e recolhendo informações consideradas pertinentes de serem aplicadas no exercício prático de projeto.

Para que a relação entre o património, a reabilitação e a memória fosse melhor entendida, foram analisados dois casos de estudo que evidenciam esta relação. Como tal, foram estudadas situações semelhantes em que, não só se fazem reabilitações em que se preservam as memórias, como também se converte o seu uso inicial para uma unidade hoteleira e de alojamento. A relação que existe entre o património e a memória foi preponderante para o estudo desenvolvido na teoria. Como tal, o trabalho prático propõe ser resultado desta relação desenvolvida na parte teórica.

No que toca à intervenção prática, a recolha, análise e seleção de elementos gráficos como fotografias e desenhos técnicos surgiu como elemento matriz para o desenvolvimento de projeto. A análise da historicidade do lugar e a sua morfologia, assim como a sua importância a nível local e de sociedade, foram também fundamentais para o seu desenvolvimento.

ESTRUTURA DE ORGANIZAÇÃO

Este trabalho final de mestrado será dividido em duas partes distintas: uma teórica na qual será desenvolvida uma pesquisa em torno da questão da requalificação urbana, mas essencialmente da reinvenção do património e a preservação da sua memória, e uma parte prática, na qual será executado um exercício de projeto, no qual se repensa o Seminário de Gavião. A parte teórica servirá de base para a intervenção a realizar no edifício.

A componente teórica, também dividida em duas partes, pretende explicitar conceitos e mostrar como é que a teoria pode contribuir para o prático em Arquitetura.

Na primeira parte teórica explicitam-se conceitos que permitem a compreensão da ‘memória’ e, conseqüentemente, da sua importância para o ‘património arquitetónico’. A ‘construção sobre o construído’ surge também como conceito fundamental para compreender a reabilitação.

Nesta fase, são ainda apresentados casos de estudo práticos que evidenciam como esta relação entre a ‘memória’ e a ‘reinvenção’ é um aspeto já aplicado na arquitetura.

No final desta primeira parte, surgem ainda considerações finais em síntese para que se possam aplicar na componente prática.

Em contrapartida, na segunda parte teórica, inicia-se uma relação com o projeto prático. Nesta, surge inicialmente uma análise do ‘lugar’ e um estudo sobre os seus usos anteriores.

Após a compreensão sobre a forma como o edifício chegou ao seu estado de degradação atual, inicia-se a fase teórica sobre o novo

uso a atribuir ao espaço.

De seguida a esta análise sobre o antigo e o que se pretende renovar, surge então a proposta arquitetónica desenvolvida com o intuito de colocar em evidência e em prática os elementos acima estudados.

Por fim, e tendo em conta quer o estudado em teoria, quer o colocado em prática no projeto, é realizada uma síntese que pretende responder às questões e aos desafios propostos no início do Trabalho Final de Mestrado.

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

**MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO
ARQUITETÓNICA**

1 MEMÓRIA

“A Memória é a consciência inserida no tempo.”¹

Fernando Pessoa

1.1 UMA DEFINIÇÃO DE MEMÓRIA

Para definir o que é memória é importante começar por saber que esta deriva etimologicamente do latim “*memoria*” e que, de uma forma muito genérica, pode ser explicada como “*lembrança*”². No entanto, considera-se este significado muito abrangente pois memória é um conceito intrinsecamente complexo para ser aclarado com apenas uma significância, uma vez que traz consigo muitos outros conceitos, também eles complexos.

Assim sendo, a memória pode ser conceptualizada como a “*faculdade do ser vivo para conservar a impressão ou a marca do seu passado e de se referir a ela*”³. Mas veja-se um pouco mais do que o óbvio. Hoje em dia, uma das formas de “memória” mais utilizadas é a da máquina, mas terá esta realmente uma “memória”? Segundo os autores do Dicionário Prático de Filosofia⁴ a máquina não possui memória, pelo menos através de expressão própria. Note-se ainda que o ser vivo também pode incluir, por exemplo, os animais. Apesar disso, sabe-se que estes também não possuem memória, ou melhor, não

¹ <http://www.citador.pt/frases/a-memoria-e-a-consciencia-inserida-no-tempo-fernando-pessoa-17847>

² AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251

³ AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251

⁴ AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251 e 252

têm consciência da existência da memória, tornando-os incapacitados para a sua comunicação. Assim, pode retirar-se destas observações que uma das principais características da memória é ser um aspeto inerente apenas ao Homem.

Memória é ainda descrita “(...) como a capacidade do psiquismo de conservar os conteúdos das vivências para além do “agora e aqui” em que foram vividas, com possibilidade de actualizá-los em momentos posteriores.”⁵. Esta definição remete para outros aspetos a considerar quando se define memória: a sua evocação num tempo diferente e, conseqüentemente, o esquecimento. Este pode ser considerado como o oposto da memória mas, como se vai poder constatar, este é um dos elementos que a constitui e que a torna realmente uma memória. Ao “armazenar” uma memória, apenas se lembra de alguns aspetos, ou seja, aqueles que, de forma inconsciente, foram considerados importantes ou úteis. Assim, pode assumir-se que uma memória só o é quando já integrou o esquecimento. É também este aspeto que se releva uma grande diferença entre a memória e a história. Ambas representam o passado, mas enquanto a história relata os factos tal e qual como ocorreram, a memória sofre uma modificação pessoal.

É no seguimento da ideia apresentada anteriormente que surge a “autenticidade” da memória. Na Idade Média surge a teoria de que “(...) uma memória fiel pode durar aproximadamente cem anos”⁶, mas sabe-se agora, que uma “memória fiel” não existe, pois a partir do momento em que é criada, esta passa a estar sujeita quer ao esquecimento, quer ao enquadramento social e familiar que cada indivíduo. Há medida que estes enquadramentos se vão alterando, inconscientemente, as memórias também se alteram pois “(...) a memória humana é particularmente instável e maleável”⁷.

5 AAVV in - “Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura”, Editorial Verbo, 1992 Volume 13, pág. 279

6 GUENÉE; in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 11 a 50

7 DEMARQUE; ROUQUEROL; in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia

Torna-se ainda pertinente para este trabalho esclarecer a importância do lugar arquitetónico para a memória. As memórias existem em consequência de uma experiência ou ação do indivíduo. Como tal, os aspetos mais relevantes para a fixação de uma memória são o tempo e o espaço. A definição do “quando” é uma questão mais direta pois basta referir uma data ou um momento, porém, o onde não é assim tão simples. Para que se compreenda o “onde” de uma memória é necessário definir lugares arquitetónicos, lugares estes que já foram sujeitos à interpretação e esquecimento de cada um. Desta forma, surge uma necessidade de explorar o que é o lugar, denominado por Norberg Schulz de “*locus*”.

Mas, retome-se a importância do tempo. Numa memória, o tempo, pode não ser apenas referente ao “quando” referido anteriormente. Há que ter em conta a influência que as memórias podem ter nos tempos que não os da sua ocorrência. É neste seguimento que Joel Candau afirma que a memória é “(...) *um elemento de auxílio para encarar e melhor compreender o momento (presente), com vista para aquilo que já aconteceu (passado) e permitir especular o que poderá vir depois (futuro)*.”⁸ Como tal, e não descurando que só há memória porque existe um passado, pode decerto afirmar-se que esta tem um papel preponderante nas decisões e escolhas que se fazem no presente, influenciando assim as ações futuras.

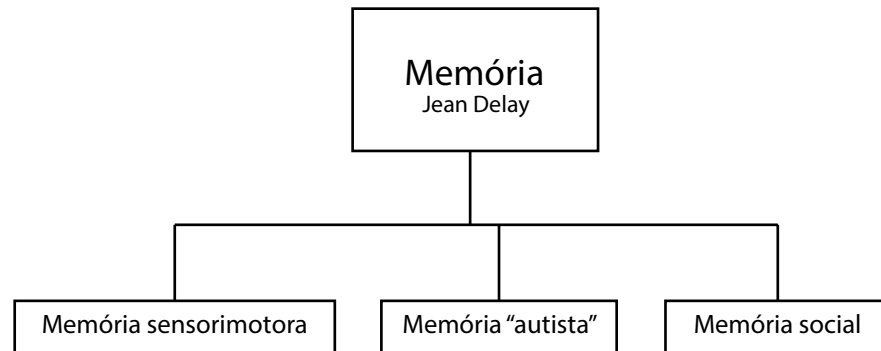
Devido à complexidade que é esclarecer o que é a memória, alguns autores tentam dividi-la por grupos que permitam elucidar o conceito. Jean Delay, separa-a por três grupos distintos: “(...) *a memória sensorimotora, puramente mecânica, é regida pela lei do hábito (é esta que comanda principalmente a nossa conduta corporal)*; *A memória “autista” (própria a nós próprios) assegura a conservação íntima e a restituição espontânea das nossas lembranças sobre o modo afectivo*

Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 11 a 50

8 CANDAU, Joel in OLIVAL, Américo Pita - “Memória e esquecimento - as ligações e os limites”; Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2012

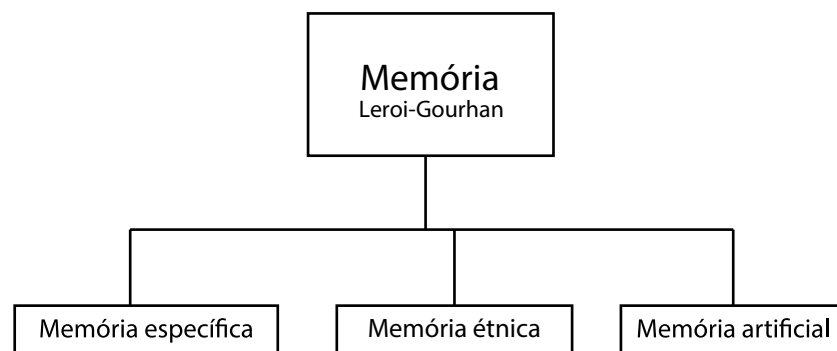
e segundo uma lógica que é a do inconsciente” e, por fim, a memória social que “(...) reconstrói as nossas lembranças sobre o modo lógico e racional exigido pela socialização de um pensamento”⁹.

Fig. 01
Três tipos de memória
segundo Jean Delay



Por sua vez, Leroi-Gourhan distingue outros três tipos de memória: “(...)memória específica para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, (...) memória étnica que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e (...) memória artificial, eletrónica na sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de actos mecânicos encadeados”¹⁰.

Fig. 02
Três tipos de memória
segundo Leroi-Gourhan



9 DELAY, Jean – “Les Dissolutions de la mémoire” in AAVV, “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Trad. Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 252

10 GOURHAN, Leroi in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 12 e 13

A memória pode ainda ser separada por outros dois tipos: a memória individual - respeitante apenas ao indivíduo - e a memória coletiva - respeitante a um grupo de indivíduos ou a um acontecimentos geral da sociedade.

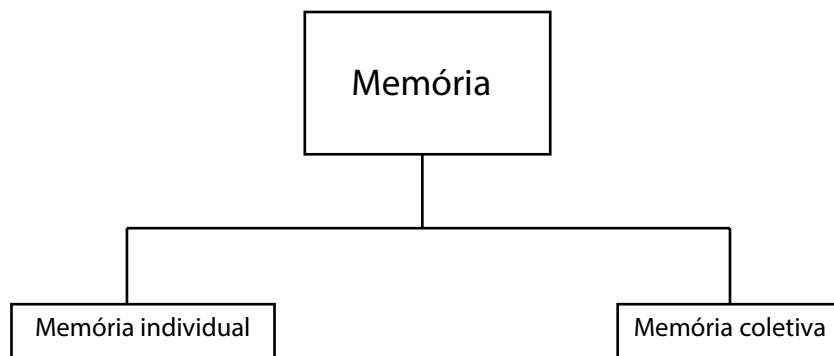


Fig. 03
Dois tipos de memória

Posto isto, pode agora afirmar-se que o ato mnemónico é uma atividade inerente ao ser humano. É a lembrança de um acontecimento passado, que foi sujeito a uma modificação pessoal, na qual está incluído o esquecimento, e para o qual contribuem diversos fatores como o tempo e o espaço.

1.2 MEMÓRIA - UM CONCEITO EM RENOVAÇÃO

Desde que o Homem é Homem que se acredita na existência da memória, apesar de nem sempre se utilizar o conceito para a explicitar. O Homem, animal racional, é diferente do animal irracional, não só por ter a capacidade de pensar, mas também por possuir uma memória e ser consciente disso mesmo. Como foi evidenciado anteriormente, a memória é uma capacidade inerente apenas ao Homem. Assim, tome-se como ponto de partida para o aparecimento da Memória, o nascimento do primeiro Homem.

Sempre que se fala da evolução da memória é essencial referir a sua transmissão, pois o “(...) *acto mnemónico fundamental é o “comportamento narrativo” que se caracteriza antes de mais pela sua função social, pois que é a comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou objecto que constitui o seu motivo*”¹¹. Como tal não se pode deixar de lado a questão da oralidade e da escrita, não esquecendo que antes destes “(...) *existe uma certa linguagem sob forma de armazenamento de informações na nossa memória*”¹².

É na continuidade deste pensamento que Jacques le Goff distingue cinco épocas relevantes da memória: uma primeira na qual não existia escrita e na qual a sociedade é considerada “selvagem”; uma segunda que surge entre a Pré-História e a Antiguidade e que leva

11 JANET, Pierre in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 12

12 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 12

ao desenvolvimento da memória oral até à escrita; a terceira, na época medieval, que equilibra a oralidade e a escrita; a quarta que mostra a evolução da memória escrita, percorrendo desde o Renascimento até aos dias de hoje; e por fim, os desenvolvimentos contemporâneos da memória.¹³

Nesta primeira época em que predomina a memória oral, é importante referir a memória coletiva, uma vez que esta seria a mais desenvolvida pelos povos antigos. Um dos aspetos mais relevantes para que se possa afirmar que estes povos davam grande importância a este tipo de pensamento é a existência de mitos de origem diferentes entre indivíduos de etnia ou famílias diferentes. A existência frequente de personificações da memória dentro dos diversos povos é também uma clara desresponsabilização dos demais pela memória. O povo comum apenas se teria que preocupar com os hábitos e rotinas. Desta forma, estas figuras acabam por ser a memória coletiva do povo.

No segundo tempo definido por Jacques Le Goff, existe uma clara evolução da sociedade especialmente no que toca à socialização. O paradigma da memória coletiva foi-se alterando e apareceu a escrita, mais propriamente as inscrições comemorativas. Surgiram as epigrafias, diferentes de cultura para cultura e, conseqüentemente, “(...)no Oriente Antigo (...) as inscrições comemorativas deram lugar à multiplicação de monumentos como as estelas e os obeliscos”¹⁴. Por sua vez, na Grécia e Roma Antigas “(...) o mármore, servia o mais das vezes de suporte a uma sobrecarga de memória”¹⁵. Com a escrita surgiu o documento escrito e, como tal, este adquire o caráter de monumento. A sua principal função era comunicar além do “aqui” e do “agora” até então conseguidos. Assim, um elemento que era apenas

13 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 12

14 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 16

15 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 1

auditivo, agora podia ser visto e até mesmo corrigido ou alterado.

Nesta fase ainda, despontam as primeiras “(...) instituições-memória: arquivos, bibliotecas, museus”¹⁶. Assim, e com o relato cada vez mais preciso das memórias, estreita-se cada vez mais a ligação entre a memória e a história. Note-se que “(...) da mesma forma que a memória escrita se vem acrescentar à memória oral, transformando-a, a história vem substituir, transformando-a, mas sem a destruir, a memória colectiva”¹⁷.



Fig. 04
Ruína da Biblioteca de
Alexandria (Egito), uma das
primeiras do mundo

Na fase três, ou seja, na época medieval surge um grande uso do conceito memória e de termos a ele associados no âmbito da religião. A necessidade que surge de recordar feitos passados e de perpetuar a religião e a fé são os dois principais motivos. Nesta época cria-se um grande equilíbrio entre a memórial oral e a memória

16 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 18

17 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 20

escrita, “(...)intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da memória”¹⁸.

Mais tarde, já na época Renascentista, despoleta-se uma grande acentuação da memória escrita ao invés da oral. A partir desta época surge a grande revolução que torna a escrita mais relevante: a imprensa. Até aí “(...) *difícilmente se distingue entre a transmissão oral e a transmissão escrita*”.¹⁹ Nesta época, e com o aparecimento da imprensa, começa a relevar-se a opinião pública.

Enquanto na fase anterior se observava um grande culto à memória dos mortos, nesta fase evidencia-se o indivíduo vivo e descarta-se a comemoração aos mortos. Desde os túmulos dos reis até aos cemitérios comuns, todos gozam de uma grande simplicidade e, em muitos casos, de abandono. Esta memória dos mortos só é reavivada após a Revolução Francesa, tornando os cemitérios pontos de atração associados à memória.

Desponta então no Romantismo uma questão muito relevante para a já discutida “autenticidade” da memória: a imaginação. Se por um lado se sabe que Mnémossine (memória) é mulher de Zeus, revela-se ainda que “(...) *as Musas, as virtudes da imaginação, são filhas da memória*”²⁰. É aqui que surge a verdadeira relação entre a memória e a imaginação.

A aceleração com que os acontecimentos se sucedem é evidente. Num tempo em que a evolução é notória, após a I Grande Guerra Mundial, surgem os monumentos aos Mortos. Mas a maior revolução na memória da época dá-se com o aparecimento da fotografia “(...) *permitindo assim guardar a memória do tempo e da*

18 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 29

19 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 32

20 MICHELET in GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 37

evolução cronológica”²¹.

Por fim, na quinta e última fase, revela a dita memória eletrónica. Como já se pôde observar anteriormente, a máquina não tem memória, pelo menos por expressão própria, no entanto, permite armazenar as memórias que o Homem nela depositar. Assim como o livro, nestas máquinas podemos debitar memórias, no entanto, com uma facilidade muito superior de evocação e partilha, especialmente com o surgimento da internet.

Com o aparecimento da memória eletrónica dão-se ainda duas grandes mudanças: uma primeira em relação à história, pois torna-se difícil distinguir história de memória; uma outra em que o conceito de memória ganha uma abrangência tão grande que se torna difícil de explicar.

Todas estas situações contribuíram para uma modificação e readaptação do conceito de memória. Ainda nos dias de hoje, esse conceito sofre algumas alterações com as inovações que surgem.

Associada à máquina, especialmente aos computadores, aparece a maior e mais recente revolução na memória. Se até há alguns anos atrás era possível depositar e armazenar memórias em livros e conseqüentemente em bibliotecas ou arquivos, hoje em dia estes começam a perder importância, seja para pequenos dispositivos de armazenamento, seja para as tão atuais bases de dados em nuvem.

A fiabilidade das memórias coletivas é um assunto bastante discutido e relatado nos dias de hoje. Se em tempos antigos apenas os grandes filósofos e pensadores tinham acesso à escrita e mais tarde à publicação de livros, hoje em dia a adulteração de informações e de memórias é cada vez mais frequente. Assim, é cada vez mais importante garantir que as memórias que se transmitem ou a que se tem acesso são verdadeiras.

21 GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”, Trad. Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 39

1.3 MEMÓRIA SOBRE O CONSTRUÍDO

Os lugares, ou “*locus*”, sempre foram determinantes nas memórias. Desde que existe memória que se pode referir que o contexto em que essa memória está inserida pode ser um fator marcante de cada memória que se tem. Apesar deste nem sempre deter o papel principal e não ser, na maioria das vezes, o que leva ao ato de memorizar, é fundamental caracterizar o “onde” de cada uma das memórias.

O lugar e o tempo, ou seja, o contexto de cada memória, vai definir uma grande parte desta. Se por um lado existem as ações, que, tal como referido anteriormente, nem sempre são retratadas de forma objetiva na memória, por outro existem os lugares, que, em muitas das situações, se mantêm apenas com pequenas modificações. Assim, pode observar-se que o lugar, apesar de nem sempre ser retratado de forma fiel, pode ser o elemento mais objetivo que se obtém numa memória.

Como nem sempre estes lugares são o essencial de cada uma das memórias, uma das situações que frequentemente acontece é o esquecimento do detalhe. Se após algum tempo da criação de determinada memória ainda é possível dizer com clareza qual a localização, textura, forma, entre outras, de alguns elementos; passado muito tempo estes detalhes já não permanecem. São estes os primeiros a começar a desvanecer-se na memória.

Mas lugar nem sempre significa o mesmo que construído, e aqui o que está em questão é a memória do construído. O lugar pode ser um vazio, por sua vez, e tal como o nome indica, no construído

existe algo.

É difícil definir a importância do construído na memória, assim como da memória sobre o construído.

A arquitetura e a construção em geral detêm, tal como os lugares um papel fundamental na memória. No entanto, com o tempo, este relevo perde grande parte da sua definição para o esquecimento.

Por outro lado, temos a memória sobre o construído. No início deste capítulo referia-se a importância do lugar para uma memória. Neste caso, enuncia-se a importância da memória no construído.

O construído é qualquer edifício, que, de maior ou menor importância para a sociedade, tem ou teve, dentro de si, muitas memórias. Ou, melhor dizendo, é um edifício que permitiu que aqueles que por ele passaram e que o vivenciaram construíssem memórias. Para uns com mais relevo, para outros com menos, e para muitos nenhuma importância, mas estes “construídos” devem, seja através de restauros, reabilitações ou conservações (dependendo do estado de cada um), ser restituídos aos indivíduos que dali possuem memórias.

Normalmente, apenas edifícios com maior valor patrimonial, seja ao nível da sociedade ou da cidade partem para estes processos de preservação de memória. E mesmo assim, muitos deles, após estes processos de intervenção, acabam por não preservar qualquer tipo de história ou memória. Por se ter em conta este pressuposto é que todas as atividades de intervenção neste tipo de edifícios devem ser cuidadosamente estudadas e preparadas.

Para que a memória sobre o construído seja preservada é ainda necessário limitar a intervenção, aspeto que será relevado mais à frente. Mas é fundamental que se perceba que cada caso é único. Apesar disso, existem diversos parâmetros básicos que vão permitir começar o estudo sobre cada um dos edifícios. A luz, a cor, a forma, a textura, o ritmo, são aspetos que, de forma geral contribuem para que a arquitetura preserve uma memória. O facto de se referirem estes elementos não significa que estes não podem ser alterados, senão

fazia-se o chamado “restauro cópia” . Significa é que estes devem ser tidos em conta e avaliados caso a caso para que, apesar de acompanharem as respetivas evoluções, se mantenha sempre como objetivo principal a memória sobre o construído.

É ainda neste contexto que Francisco Gracia enumera três pontos essenciais para que exista uma relação entre o antes e o depois e que permitem uma conexão entre o antigo e o novo e, como tal, fortalecem a memória sobre o construído. O primeiro ponto consiste na “*busca de correspondências métricas, geométricas e de proporção*”²². O segundo ponto de elevada importância é “*a reiteração de recursos figurativos ou estilísticos*”²³. Por último surge a “*homologação das escolhas formais mediante o recurso ao parentesco tipológico*”²⁴

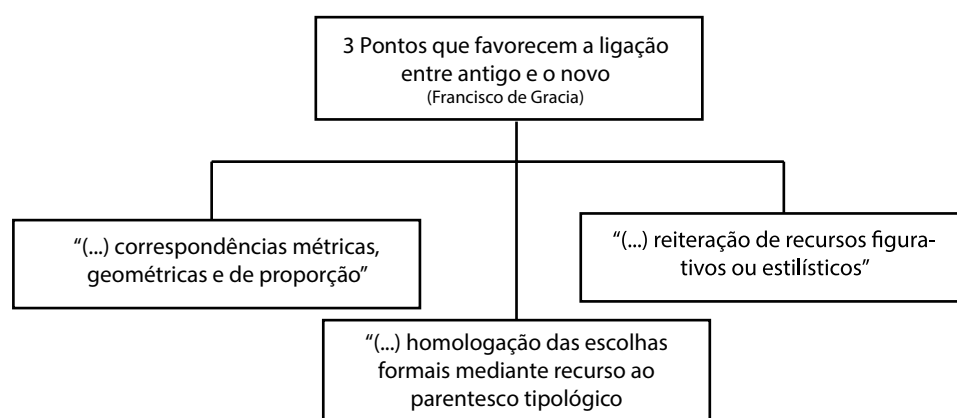


Fig. 05
Três pontos que favorecem a ligação entre o antigo e o novo segundo Francisco de Gracia

Posto isto, pode agora concluir-se que a memória sobre o construído é despoletada inicialmente pelas memórias que surgem perante a construção. São estas que levam a que seja tomada uma posição quanto à conservação ou reabilitação do construído e que,

²² “*Búsqueda de correspondencias métricas , geométricas y de proporción*”
GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion;
Madrid: Nerea, 1992; pág. 188

²³ “*Reiteración de recursos figurativos o estilísticos*”
GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion;
Madrid: Nerea, 1992; pág. 188

²⁴ “*Homologación de las elecciones formales mediante el recurso al parentesco tipológico*”
GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion;
Madrid: Nerea, 1992; pág. 188

caso haja uma intervenção, existem alguns pontos de base que permitem manter as memórias sobre o construído.

2 PATRIMÓNIO

2.1 UMA DEFINIÇÃO DE PATRIMÓNIO

A riqueza patrimonial tem sido, ao longo dos últimos anos, decisiva no que toca à escolha entre novas construções e reabilitação. Como tal, tem-se verificado um aumento muito relevante destas intervenções, quer ao nível de edifícios, quer ao nível da cidade. A reabilitação do património edificado é ainda relevante no sentido e que a sociedade se vai alterando, nomeadamente, ao nível dos valores sociais e das necessidades dos indivíduos, entre outras dimensões.

No seu sentido geral, património é considerado uma “*herança paterna*” ou até mesmo um “*bem de família*”²⁵. Neste mesmo sentido, mas de forma mais abrangente à sociedade, património é algo que foi deixado por quem cá existiu antes. É por isso que, hoje em dia, existem diversos tipos de património, como o património imaterial (no qual está incluído o fado e o cante alentejano), e não só o património edificado. Também se deve ter em conta que existem diversas formas de classificar o património quanto à sua importância para a sociedade em geral. Se for património de elevado valor ao nível da história mundial, é considerado património mundial pela Unesco. Se por outro lado for considerado de importância para um país ou para uma pequena comunidade, já é considerado património, classificação atribuída pela Direção Geral do Património Cultural (DGPC) em Portugal, ou até mesmo pelas Câmaras Municipais a nível local.

Mas o que está em causa neste trabalho é o património edificado. Não é fácil encontrar uma definição consensual e que reúna

²⁵ “património”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/patrim%C3%B3nio> [consultado em 23-04-2015].

todas as características que se tornam essenciais para se entender o património edificado. Assim, e hoje em dia, o património, como é considerado por José Aguiar,

“(...) é tanto a obra-de-arte, a ruína, o objecto-construção, a arquitectura de um edifício (o monumento clássico), como o lugar-ambiente, os núcleos urbanos a que (mal) chamamos centros históricos, ou seja, a cidade antiga e a cidade consolidada. É património o território e a paisagem humanizada, enquanto arquitecturas de vasta escala, ou seja, organizações voluntárias do espaço feitas por (e portadoras dos valores dos) homens. É também património (intangível) o saber que permitiu projectar, construir, manter ou alterar.”²⁶

Desta forma, e seguindo esta mesma ideia, que surge a necessidade de preservação do dito “*património comum*”, pois “*os acervos da arquitectura nacional que importa saber preservar não se resumem aos grandes monumentos e aos centros históricos classificados*”²⁷

Assim, e tendo por base o que se afirmou até aqui, releva-se que o património edificado não se trata apenas de monumentos mas sim de edifícios com memórias de elevada importância para a sociedade.

²⁶ AGUIAR, José in SILVA, Gastão de Brito e - “Portugal em Ruínas”, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág.9

²⁷ SILVA, Gastão de Brito e - “Portugal em Ruínas”, Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pág.15

2.2 PATRIMÓNIO - UM CONCEITO EM EVOLUÇÃO

O conceito de património que hoje em dia se conhece nem sempre foi igual, ou melhor, aquilo que é ou não considerado património sofreu algumas alterações com o decorrer do tempo. As diferentes necessidades do Homem e as mudanças sócio culturais e económicas dos diversos países também determinam estas alterações. Note-se ainda que não só o fator tempo tem influência no conceito de património. As diferentes culturas e formas de olhar o mundo também fazem com que, de um sítio para o outro, o conceito sofra algumas modificações.

No século XIX, quando foi criada a primeira Comissão dos Monumentos Históricos (1837), o que era constituído património não ia além de “(...) *vestígios da Antiguidade, (...) edifícios religiosos da idade média e (...) alguns castelos.*”²⁸. Estas três categorias restringiam a classificação como património a uma pequena parte do edificado. Note-se que nesta época Monumentos Históricos ou Património eram a mesma coisa.

Após a Segunda Guerra Mundial, os bens que foram considerados património aumentaram significativamente, no entanto, continuaram com o mesmo fundamento. Nesta altura, dava-se um grande relevo aos edifícios que “(...) *derivavam essencialmente da arqueologia e da história erudita da arquitetura.*”²⁹.

Desde essa época que o teor sobre o que seria considerado

28 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.12

29 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.12

património se modificou muito significativamente. Pode mesmo dizer-se que “(...) *todas as formas da arte de edificar, eruditas e populares, urbanas e rurais e todas as categorias de edifícios, públicos e privados, sumptuários e utilitários, (...) arquitetura menor*³⁰, (...) *arquitetura vernacular*³¹”³², passaram a ser designados por património. Foi por estes anos que o património deixou de ser apenas os edifícios individuais. No património passaram a estar integrados “(...) *os conjuntos edificados e o tecido urbano: quarteirões e bairros urbanos, aldeias, cidades inteiras e mesmo conjuntos de cidades*”³³.

Até aos anos 70 do século XX, Património e Monumento Histórico tinham significados sinónimos mas após esta época, passaram a ser distintos. É a partir desta década que se começa, embora não de forma definitiva, pois este estará em permanente alteração, a elaborar o conceito que atualmente usamos para património, conceito este que não é único no mundo no tempo atual.

30 Arquitetura menor – “(...) expressão oriunda de Itália usada para designar as construções privadas não monumentais”

31 Arquitetura vernacular – “(...) expressão oriunda de Inglaterra usada para distinguir os edifícios característicos dos diversos territórios”

32 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.12

33 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.13

3 REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Reinventar não é mais do que inventar de novo. Seja em arquitetura ou qualquer outra área, reinventar implica pensar e recriar algo que já foi inventado antes. Na questão da reinvenção da arquitetura surgem duas questões: o reinventar para uma nova construção, ou seja, reinventar a arquitetura, e o reinventar sobre o construído.

3.1 REINVENTAR A ARQUITETURA

Pensar de novo a arquitetura, ao contrário do que se possa pensar primariamente, não passa apenas por reinventar algo que já está construído e sobre o qual se vai trabalhar. Inicialmente, há que ter em conta que, apesar de nada estar construído ainda, uma coisa existe sempre: o “*locus*”.

Sempre que se pensa uma nova arquitetura existe todo um trabalho de pesquisa, inerente ao arquiteto, que demonstra que nada é criado do zero. Ao ser criado um novo espaço, há sempre alguma influência das coisas que já se viram antes, seja em livros, em fotografias ou *in loco*. Todos estes elementos contribuem para que, no processo de criação da arquitetura surja uma reinvenção.

O processo criativo que leva ao aparecimento de novas arquiteturas trazem sempre uma história, uma memória daquilo que já existiu antes. Muitas das vezes é o conjugar destas ideias, do que se viu e conheceu noutros sítios, com o contexto do lugar que leva a que surja algo de novo. Ninguém pode afirmar que não esteve sujeito a

este tipo de influências uma vez que já todos estiveram perante outras arquiteturas.

Pode dizer-se, portanto, que esta reinvenção, ao ir buscar inspiração noutras coisas que se viu, podem remeter para a memória de um lugar que não aquele onde se está a construir. No entanto, ao criar (ou recriar) tendo em conta o novo “*locus*”, pode dizer-se que apesar de remeter para um ou um conjunto de outros objetos arquitetónicos, o novo objeto contruído adquire sempre a qualidade de único.

3.2 REINVENTAR SOBRE O CONSTRUÍDO

Ao contrário da situação anterior, em que se relevava a reinvenção sobre a arquitetura, neste caso destaca-se a reinvenção sobre o construído, isto é, pensar de novo o que já está construído e intervir sobre isso mesmo. Neste caso também existe uma reinvenção da arquitetura, mas considere-se este um caso mais específico de intervenção.

Neste caso, existe um “locus”, como no anterior, mas, integrado nesse mesmo espaço, surge também uma construção já pensada anteriormente. Como tal, neste caso o projeto que se vai realizar deverá “(...) *submeter-se a condições prévias, tanto naturais como arquitetónicas*”³⁴

Reinventar sobre o construído leva a que se salientem dois conceitos base bastante aplicados nos dias de hoje: conservação e reabilitação. Estes dois são diferentes em vários aspetos, no entanto, todos levam a um resultado final na arquitetura que não é mais do que criar de novo ou preservar as condições de habitabilidade de um determinado lugar, permitindo assim a sua vivência.

Saliente-se ainda que, tal como afirmado por Gracia³⁵, em primeiro lugar devem definir-se os limites de uma intervenção. Há que ter em consideração que a conservação está definida pelos limites de um edifício. Em contrapartida, a reabilitação pode ter limites mais

34 “(...) *sumeterse a condiciones previas tanto naturales como arquitectónicas*”; tradução própria
GADAMER, Hans-Greg in GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion; Madrid: Nerea, 1992; pág. 177

35 GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion; Madrid: Nerea, 1992; pág. 177

ampos. Independentemente da intervenção/modificação que se está a efectuar, não se pode descurar a identidade urbana e da cidade em causa, uma vez que esta foi conseguida através da justaposição de edifícios e memórias ao longo dos tempos.

A reinvenção sobre algo que já existe surge, na maioria das vezes, pelo estado avançado de degradação do espaço, levando a que se aplique alguma das técnicas referidas anteriormente. A inutilidade para a tarefa para a qual foi construído inicialmente também leva à sua readaptação. As novas necessidades dos indivíduos, as mudanças socio-culturais que levam a que surjam mudanças comportamentais ou até mesmo o desaparecimento de alguns tipos de atividades levam a que os edifícios mais antigos comecem a perder as suas capacidades. É desta necessidade de reintegração e readaptação ao Homem que surge muitas das vezes a reinvenção do construído. É mesmo por isto que Gracia afirma que “(...) *alterar os lugares existentes só se justifica se os tornar-mos mais adequados para a vida do Homem*”³⁶.

Nesta situação, em que já existe uma base construída que vai dar origem a uma construção renovada e atualizada a memória também é um aspeto sempre presente. A história do local, os elementos que se preservam, mesmo que reinventados, terão sempre uma memória daquilo que já existiu antes. Ao construir sobre aquilo que já existe, ao ocupar o mesmo espaço, manter certas forma, determinado tipo de luzes, permite-se que a memória seja preservada.

Assim, nota-se que, quer seja através da reinvenção para criar uma nova arquitetura, seja para renovar a que já existe, a memória é sempre um aspeto que está presente, mesmo que muitas vezes esta surja de forma, talvez, inconsciente.

Uma outra situação reportada por Francisco Gracia é a forma

³⁶ “(...) *alterar los lugares sólo se justifica si los hacemos más adecuados para la vida del hombre*”; tradução própria
GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificacion;
Madrid: Nerea, 1992; pág. 178

como se “Constrói sobre o construído”³⁷. Neste âmbito, surgem três conceitos determinantes para a reinvenção: a inclusão, a interseção e a exclusão. Na inclusão surgem dois elementos em que o primeiro abarca o segundo, sendo que todos os pontos do segundo são em comum com o primeiro. Na interseção, apenas alguns pontos são comuns e por fim, na exclusão, não existem pontos comuns entre os elementos. Ou seja, a reinvenção arquitetónica surge a partir de uma destas três operações. Na última, e tendo em conta que não pontos em comum, pode surgir um terceiro elemento que relaciona os outros dois.

Para que exista uma relação entre os elementos novos e antigos é fundamental que existam pontos de conexão, seja através de pontos em comum ou de elementos de ligação. Como tal, surgem três aspetos fundamentais para que haja essa mesma relação. É essencial uma correspondência ao nível da geometria e da métrica. A escala do que já existe deve também ser tida em conta. Os recursos estilísticos e figurativos também favorecem esta relação. Por fim, uma utilização de elementos tipológicos semelhantes também pode ser importante.³⁸

Sintetizado, pode afirma-se que a reinvenção arquitetónica surge com o intuito de melhorar a vida do homem sem que destruam as suas memórias. Como tal, existe um processo que leva à conservação ou à reabilitação do objeto construído. Para que este processo possa modificar sem destruir é essencial um estudo prévio no qual a história do construído adquira um papel fundamental.

37 GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificación; Madrid: Nerea, 1992; pág. 187

38 GRACIA, Francisco de - Construir en lo construído - La arquitectura como modificación; Madrid: Nerea, 1992; pág. 188

3.2.1 O CONCEITO DE RESTAURO - DUAS VISÕES ANTAGÓNICAS

John Ruskin e Viollet-le-Duc, entre outros, teorizaram a questão do restauro. Note-se que à época dos seus estudos, a conservação e o restauro eram duas práticas muito similares. Conserva-se um edifício tomando algumas atitudes durante a sua vida útil, de forma a prolonga-la. Por sua vez, o restauro visa corrigir falhas que possam ter surgido e que nunca foram alvo de conservação. Françoise Choay, ao longo do seu livro *Alegoria do Património* sintetiza estes dois grandes teóricos de forma bastante esclarecedora.

Alguns historiadores, como Mérimée, surgem também a par e passo com estes dois anteriormente mencionados. No entanto, ao invés de apresentar uma teoria própria acerca de restauro, clarifica os obstáculos que, à época, se faziam sentir em relação a esta temática. De forma muito clara, Choay apresenta os três obstáculos mais relevantes e por este detetados. O primeiro obstáculo é considerado a ‘estupidez’. Isto é, para intervir não se pode ter em conta apenas a construção em si, mas toda a arte envolvente no espaço. Não se pode reparar uma abóbada, pintada com frescos, com cimento, pois este iria destruir as pinturas, por exemplo. O segundo obstáculo, relacionado com França mas expandido pelo resto da Europa, é a preferência por arquitetos vindos de escolas como as Belas-Artes de Paris, ao invés de quem vem da província. Por fim, o terceiro obstáculo é a falta de prestígio e de gratificação pelo trabalho executado. À época, restaurar não era nem sequer remunerado.

Mas vejam-se as duas teorias antagónicas de restauro. Ruskin apresenta uma teoria anti intervencionista que se tornou bastante

popular em Inglaterra e que foi seguida por outros, como Morris. Em oposição, Viollet-le-Duc defende uma teoria intervencionista, muitas vezes levada ao extremo, seguida na maioria dos países europeus, especialmente em França.

Na teoria anti intervencionista, tal como o nome indica, Ruskin defende que não se deve proceder a qualquer tipo de intervenção no edifício. Interceder no processo de envelhecimento de um edifício chega mesmo a ser considerado um “*sacrilégio*”³⁹. John Ruskin considera ainda que “(...) *querer restaurar um objecto ou um edifício é ferir a autenticidade que constitui o seu próprio sentido. (...) o destino de qualquer monumento histórico é a ruína e a desagregação progressiva.*”⁴⁰ Assim, a sua teoria prevê que um edifício tenha uma vida e uma morte e considera que todos os edifícios têm direito a ser ruínas. Nesta sua ideia, Ruskin defende ainda que os edifícios “(...) não nos pertecem. Eles pertecem, em parte, ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão”⁴¹

É no seguimento desta ideia que John Ruskin ainda defende que “(...)o projecto restaurador é absurdo. Restaurar é impossível. Tanto como dar vida a um morto”⁴². Este reitera ainda que, para si, restauro significa “(...) a destruição mais total que uma construção pode sofrer”, uma vez que restaurar o edificado é “(...) uma mentira absoluta”⁴³.

Em contrapartida, surge em França a teoria intervencionista de Viollet-le-Duc. Ao contrário do anterior, este defende que deve existir uma ação restauradora sobre os edifícios históricos e que estes não devem chegar a ruínas. Viollet-le-Duc defende o chamado “restauro-

39 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.158 a 166

40 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.158 a 166

41 RUSKIN, John in CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.159

42 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.159

43 CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.159

cópia”.

Neste tipo de intervenção, o teórico tenciona que os edifícios sejam restaurados, de tal forma que até as técnicas segundo as quais o edifício foi construído devem ser reproduzidas. A sua intervenção defende, portanto, que “(...) restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento. Esta teoria torna-se bastante mais popular em toda a Europa que a anterior.

No seguimento desta segunda ideia surgem algumas intervenções extremas e pouco ponderadas. Choay apresenta cinco exemplos dessas mesmas intervenções e que clarificam o extremismo de Viollet-le-Duc: a “(...) fachada gótica inventada de Clermont-Ferrand, coruchéus acrescentados a Notre Dame de Paris e à Sainte-Chappelle, esculturas destruídas ou mutiladas substituídas por cópias, reconstituições fantasistas do castelo de Pierrefonds” e por fim, “(...) reconstituições compósitas das partes superiores da igreja de Saint-Sernin em Toulouse.”⁴⁴

É de salientar, ainda relativamente a esta segunda teoria, que Viollet-le-Duc recorria com frequência a diversos métodos de investigação, quer a propósito dos materiais e técnicas de construção, quer a propósito do local do restauro e da sua história.

⁴⁴ CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.160 e 161

3.2.2 UMA DEFINIÇÃO DE REABILITAÇÃO

Nos dias de hoje, é mais frequente falar-se de reabilitação do que de conservação. Esta forma de alongar a vida útil de um edifício generalizou-se, não só devido à necessidade de não alterar partes importantes na constituição de uma cidade mas também devido à importância estética e arquitetónica de alguns edifícios, que leva a que estes não sejam demolidos.

Esta intervenção é mais duradoura que um restauro, até porque as situações em que cada um destes casos ocorre são distintas. O restauro passa por intervir numa construção com vista à sua preservação e manutenção de funcionalidade. Por sua vez, reabilitar passa, tal como o nome indica, pela a sua “(...) *habilitação, a readaptação a novas situações*”⁴⁵, isto é, se um edifício é construído com um propósito e agora já não responde a essas necessidades, necessita de alterações que o tornem novamente apto para as suas novas funções. Funções estas que se alteram com o passar dos anos e com as diversas evoluções das necessidades da sociedade. Os hábitos do Homem e as evoluções sociais fazem com que, cada vez mais rápida e notoriamente se tenham que efetuar alterações aos edifícios.

Mas há que não esquecer que a reabilitação implica um novo uso, ou pelo menos uma readaptação do antigo uso aos novos desafios da sociedade. Desta forma, implica, numa grande parte das vezes, uma alteração substancial da forma, especialmente da interior.

⁴⁵ FREITAS, Maria João et al. - “ Revitalização Urbana - contributos para a definição de um conceito operativo”, QREN, 2005

Isto leva novamente a uma questão que se tem tentado responder desde o início: como é que se reabilita um edifício e se mantém a sua memória? Tentar-se-á responder a esta pergunta um pouco mais à frente.

Assim, e tendo em conta a questão inicial, pode dizer-se que a reinvenção arquitetónica está associada quer à conservação, quer ao restauro e à reabilitação, no entanto, é esta última que realmente permite reinventar e dar uma nova vida ao objeto arquitetónico. É esta que permite ao arquiteto ter um papel verdadeiramente criativo e de recriação da arquitetura que lhe é fornecida de base.

3.2.3 MEMÓRIA COMO PRESERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

A memória surge muitas vezes associada ao património. A necessidade que o ser humano tem de preservar memórias de um passado leva a que, entre outros motivos, alguns elementos construídos sejam considerados património. No entanto, não se pode esquecer que um objeto construído é constituído património devido às memórias coletivas que este despoleta na sociedade em geral.

Tomem-se como exemplos os castelos que existem em Portugal. Ninguém se recorda de estes terem sido construídos. Hoje em dia estes mesmos castelos já nem têm a mesma função que tiveram aquando da sua construção. Apesar disso, foram preservados, pois existe uma memória coletiva e uma história associada ao espaço, mesmo que essa memória coletiva não seja a original. A memória que se pretende preservar nem sempre é a inicial, mas sim todo o conjunto que leva a que o objeto edificado seja de relevo para a sociedade na qual esta está inserida. Muito provavelmente a sociedade atual até já construiu algumas memórias coletivas mais atuais associadas ao espaço, mas sem esquecer todas aquelas que foram transmitidas de geração em geração, passando a chamar-se história.

Ainda relacionando a memória com o património, deve ter-se presente que, na maioria dos casos, a memória do património surge devido a algum acontecimento de maior relevo ou importância, principalmente quando se tratam de memórias mais antigas.

Assim, torna-se essencial preservar todas estas memórias associadas ao património, recorrendo a uma reinvenção, pois só assim será possível dar continuidade às memórias/histórias já existentes e,

ao mesmo tempo, construir novas memórias.

Desta forma, destaca-se a verdadeira importância entre a memória e o património. Esta relação é bilateral, ou seja, tanto a memória ajuda a preservar o património, devido à presença de memórias coletivas, como o património permite que estas memórias estejam sempre presentes.

Mas observem-se casos em que não existe nenhum acontecimento de relevo que justifique a presença de uma memória mais forte num determinado edifício, considerado património. Serão estas memórias menos dignas de serem preservadas? Claramente que não pois toda a memória tem relevo para alguém, senão já teria caído no esquecimento e, como tal, já não existiria. É por isso mesmo que alguns edifícios, que parecem menos relevantes aos olhos da maioria, são preservados.

Assim sendo, seja através de memórias comuns, ou até mesmo de memórias individuais, é sempre através da memória que se preserva o património. Pode afirmar-se que hoje em dia existem formas de preservar o património, como a fotografia ou o vídeo, mas estes são, na maioria das vezes, despidos de memórias sendo apenas elementos visuais. E, tal como já se evidenciou anteriormente, a memória implica uma interpretação pessoal (ou comum, no caso das memórias coletivas) e de estar sujeita a algum esquecimento de detalhes, ou seja, a representação meramente visual pode até ser uma forma de preservar o património, no entanto, não traduz a relação entre o património e a sociedade.

3.3 MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

“Um edifício não se torna «histórico» se não na condição de ser entendido como pertencendo simultaneamente a dois mundos, um presente e imediatamente dado, o outro passado e inapropriável.”⁴⁶

Seguindo a ideia de Viollet-le-Duc, apresentada anteriormente, surge a temática “A memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica”. É na ligação entre um passado, repleto de memórias gravadas num espaço construído, e da degradação e desuso do mesmo, num tempo presente, que estes dois mundos se cruzam. Ainda nesta interseção, surge a necessidade de reinventar, mas ao mesmo tempo preservar a memória do que já foi.

Emerge, como essencial, começar por colocar uma questão que vai justificar este tema. Porquê? Comece-se por explicar porque é que a memória desencadeia a reinvenção arquitetónica. Para que exista uma reabilitação do património tem que existir uma justificação que a torne mais importante para a sociedade do que todas as outras opções. Poderá dizer-se que intenção que leva à reinvenção do património é, na maioria das vezes, o elevado estado de degradação do edifício que, pela sua localização, história ou interesse estético e arquitetónico, deixa de estar compatível com o seu tempo e com o seu uso porém, o que realmente fará com que se torne mais importante reabilitar, em vez de demolir e construir um novo edifício, são as

⁴⁶ DUC, Viollet-le in CHOAY, Françoise - “Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Lisboa: Edições 70, 2014, pág.162

memórias. Por vezes as memórias individuais, mas essencialmente as coletivas, ou seja, todas aquelas que pertencem a uma sociedade e que fazem com que esta reabilitação tenha realmente importância.

Assim, a memória é assumida como um desencadeante da reinvenção arquitetónica. No entanto, também se considera pertinente colocar a questão ao contrário: será que não se pode considerar que é esta que despoleta a memória? Com efeito, a intenção de preservar uma memória pode levar a que se proceda a uma reabilitação, como é aqui descrito e estudado, ainda assim, não se pode descurar a hipótese em que é a necessidade de reabilitação de um edifício que leva a que surjam memórias. Deste modo, pode afirmar-se que a grande diferença entre os dois processos, é que no primeiro a intenção principal é a preservação de uma memória, recorrendo a uma reabilitação do espaço, e no segundo a intenção é a própria reabilitação, surgindo a memória quase como um acaso da intervenção. Ainda assim, e tendo em conta o que já foi aqui explicitado, será que na segunda hipótese a memória não surge em primeiro lugar?

Salienta-se portanto que, apesar de se poder ficar com algumas dúvidas sobre qual é realmente o desencadeante, ao longo do processo de reabilitação vai-se verificando uma constante “passagem de testemunho”. Se por um lado surge a memória primeiro e leva a que exista uma reabilitação, no decorrer da intervenção, é a reabilitação em si que vai levar ao aparecimento de memórias.

A forma como a memória vai sendo despoletada ao longo da intervenção é outro dos pontos a ter em consideração. A reabilitação e a reinvenção do espaço vão levar a que sejam mudados diversos aspetos, por isso, têm que existir limites que definem a partir de que momento é que não se deve modificar mais, para que a memória seja preservada.

Definir à partida o que se pode ou não modificar quando se projeta é muito limitativo. Cada projeto é diferente do anterior. Os lugares

e os seus *Genius Locci*⁴⁷ são diferentes. Daí que dizer inicialmente que num projeto só se mantém uma memória se se tiver em conta este ou aquele elemento é demasiado abrangente para que realmente se realize um projeto em que a memória seja tida em consideração. É isto que torna tão fundamental o arquiteto no processo de reinvenção e que o torna capacitado para definir os limites da sua intervenção, recorrendo a análises detalhadas do lugar e da sua história, a esquiços que demonstrem as suas intenções, à sua própria perceção do espaço, ou até mesmo às simulações tridimensionais cada vez mais realistas. É todo este trabalho que vai permitir ao arquiteto limitar-se a si próprio e à sua intervenção.

Deste modo, uma reabilitação também acaba por ser uma intervenção bastante pessoal daqueles que nela intervêm. Se por um lado a memória coletiva despoleta a questão da reinvenção, por outro é a própria memória dos intervenientes que vai afetar a reabilitação. O arquiteto acaba, portanto, por também ter um papel no que toca à seleção e destaque de algumas memórias em detrimento de outras. Aspetos como a luz, a cor, a forma, a materialidade, a escala, a proporção e o ritmo são apenas alguns dos que vão reger e orientar o arquiteto no seu papel de (re)inventor. Será a partir destes que se vai conseguir trabalhar para que, de certa forma, se possam manter e cuidar de algumas memórias.

Desta forma, pode mesmo defender-se que a reinvenção arquitetónica é um processo que se inicia com a memória. Ao longo do percurso percorrido nesta reinvenção, por vezes a memória pode não ser tão evidente como deveria, no entanto, terá sempre um papel de relevo em qualquer reabilitação, até mesmo em casos em que a memória aparenta só surgir como um acaso, é de notar que esta surgiu nem que seja quando alguém decidiu que o edifício seria reabilitado e não demolido.

⁴⁷ ROSSI, Aldo – “A arquitectura da cidade”; Tradução de José Charters Monteiro; Lisboa: Edições Cosmos 2001

4 DA TEORIA AO PROJETO

De forma a tirar o melhor partido da intervenção no património e da sua mudança de uso, é essencial recorrer ao estudo de casos similares para que se compreendam os pontos fulcrais de intervenção. Deste modo, foram analisados dois casos em que as intervenções pressupõem uma alteração do uso inicial, promovendo assim uma nova dinâmica do edifício, mas também que esse novo uso seja uma unidade hoteleira ou de alojamento, como na proposta que aqui se apresenta.

O primeiro caso apresenta um antigo Mosteiro, em Santa Maria do Bouro, transformado em Pousada, pelo arquiteto Souto de Moura. É um local isolado e no qual o uso foi readaptado às novas necessidades.

No segundo caso é apresentado o Hotel Inspira Santa Marta, dos arquitetos Promontório. Neste é possível observar uma reintegração de um quarteirão na cidade, recorrendo à reabilitação da fachada e à manutenção da memória.

POUSADA DE SANTA MARIA DO BOURO

Projeto | Eduardo Souto de Moura com Humberto Vieira

Ano de projeto | 1989

Ano de construção | 1997

Edifício original | Mosteiro do século XII

Localização | Santa Maria do Bouro, Amares

Programa | Pousada de Portugal, hotel



Fig. 06
Pousada de Santa Maria do
Bouro

A pousada de Santa Maria do Bouro (Braga), foi construída no século XII como Mosteiro. A sua degradação e a elevada importância patrimonial do edifício e, como tal, a necessidade de preservação de memórias, levou a que fosse intervencionada. Desta forma, através da sua análise, será possível obter conhecimento através de uma intervenção que para a sua construção teve em conta essencialmente o existente.

Reabilitada por Eduardo Souto de Moura em 1994, atualmente integra as Pousadas de Portugal. Assim como foi afirmado pelo arquiteto, esta obra não passou pelo restauro ou reabilitação de um antigo Mosteiro, mas sim pela construção de “(...) *uma pousada com as pedras de um mosteiro*”⁴⁸. Isto é, na sua reinvenção arquitetónica, Souto de Moura pretendeu que a pousada ficasse como elemento integrante da natureza e da paisagem até então presente no local. Desta forma, recorreu a materiais presentes no espaço ao invés de materiais que nada tivessem a ver com a construção ali existente. No entanto, há que ter em conta que os materiais, apesar de serem os mesmos, foram utilizados com um carácter híbrido. Foi ainda utilizado o ferro, mesmo que de forma discreta, com a intenção de realçar a modernidade da intervenção.

Outro aspeto a salientar em relação à integração na paisagem é a “falta” de uma cobertura. Isto é, uma vez que o espaço já não tinha cobertura, foi intenção do arquiteto manter este aspeto “*pitoresco*”⁴⁹, colocando uma cobertura plana e ajardinada.



Fig. 07
Pousada de Santa Maria
do Bouro e a integração na
paisagem

48 MOURA, Souto de in COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luis ; LEÓN, Juan Hernández - Santa Maria do Bouro - Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro; Lisboa: White & Blue, 2001 pág. 44

49 MOURA, Souto de in COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luis ; LEÓN, Juan Hernández - Santa Maria do Bouro - Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro; Lisboa: White & Blue, 2001 pág. 15

mantida. Não só a cobertura, mas também a presença de vãos “sem caixilharia” (caixilho invisível) contribui para esta pretensão. Ao usar este tipo de vãos, o arquiteto pretende ainda remeter para o significado mais simples de vão: “(...) *um buraco numa parede*”⁵⁰.



Fig. 08
Pousada de Santa Maria
do Bouro, as janelas como
'buraco'

No seu interior, as salas foram muitas das vezes mantidas, abrindo apenas os vãos entre salas. Apesar disso, a organização lógica que já existia foi destituída, dando lugar a uma nova interpretação por parte do arquiteto. Desta forma, foi possível adaptar um espaço a um novo uso sem recorrer a excessivas alterações e mantendo a sobriedade da intervenção.

É no seguimento deste pensamento que Souto de Moura modifica o espaço. Segundo o mesmo, a ideia foi concebida “(...) *em dois dias, porque é muito simples: cozinha-cozinha, farmácia-bar, biblioteca-auditório, refeitório-restaurante, claustro-claustro, celas-quartos*”⁵¹.

50 MOURA, Souto de in COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luis ; LEÓN, Juan Hernández - Santa Maria do Bouro - Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro; Lisboa: White & Blue, 2001 pág 46

51 MOURA, Souto de in COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luis ; LEÓN, Juan Hernández -

Por fim, pode afirmar-se que a intervenção de Eduardo Souto de Moura Na Pousada de Santa Maria do Bouro levou a uma certa mudança no que respeita ao paradigma da memória sobre o construído em Portugal. Apesar desta intervenção ser bastante demorada e até mesmo ‘penosa’ para todos os intervenientes, é seguro dizer que esta se encontra no limite entre o restauro e a reabilitação. É ainda caso para dizer que neste modificação, os elementos que tornam este projeto singular são os elementos que menos se vêem, isto é, a estrutura, os caixilhos, as coberturas e os terraços.

No final de todo o projeto e da sua construção, e tendo em conta tudo o que foi acima descrito, o arquiteto afirma que “(...) *isto prova que a coisa mais estúpida e mais horrível é a naturalidade e que o problema é o oposto: complicado é simples e simples é complicado*”⁵²

Santa Maria do Bouro - Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro; Lisboa: White & Blue, 2001 pág.46

52 MOURA, Souto de in COLLOVÀ, Roberto; FONTES, Luis ; LEÓN, Juan Hernández - Santa Maria do Bouro - Construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro; Lisboa: White & Blue, 2001 pág.54

HOTEL INSPIRA SANTA MARTA

Projeto | Promontório

Ano | 2010

Edifícios originais | Palácio do século XVIII e tipografia

Localização | Lisboa

Programa | Hotel 4* de cidade c/89 quartos e spa

Área de Construção | 1800m2



Fig. 09
Fachada principal do Hotel
Inspira Santa Marta

O Hotel Inspira Santa Marta, localizado na Rua de Santa Marta (Lisboa), é um exemplo de reabilitação arquitetónica associada a uma transformação de uso. A sua localização central na cidade (paralela à Avenida da Liberdade) e o facto de estar localizada na zona histórica fez também com que a memória do edifício fosse mantida.

Antes da intervenção, este espaço era um quarteirão limitado por edifícios com um logradouro ao centro. Os edifícios que pertenciam ao quarteirão foram todos considerados de baixo valor arquitetónico,

com exceção do edifício que faz a frente para a Rua de Santa Marta e que é agora fachada principal do hotel. Esta foi a única que foi mantida, uma vez que o hotel se encontra numa zona histórica da cidade e que esta pertencia a um palácio do início do século XVIII. O elevado estado de degradação dos edifícios, que antes alojavam uma antiga tipografia, também contribuiu para que não fossem mantidos.

Santa Marta surge de uma crescente necessidade de alojamento turístico e empresarial em Lisboa. A junção de duas empresas de renome, associadas ao grupo Blandy e da Investoc (família Castro Osório) tornou possível a criação de uma nova marca: o Inspira. Este é agora um boutique hotel de 4 estrelas e tem 89 quartos e suites. No hotel integram-se ainda duas salas de conferências e um spa, sendo que estes estão distribuídos por cinco pisos acima do solo. Devido à necessidade de estacionamento na zona, foram ainda construídos três pisos de estacionamento subterrâneo.

O resultado final desta unidade hoteleira advém de um estudo intensivo do lugar e de algumas normas de intervenção em Lisboa. A necessidade de criar um átrio de grandes dimensões que se torna-se o espaço distribuidor do hotel foi um dos problemas mais relevantes. Sendo esta uma zona com elevada densidade de construção, não seria possível fechar o logradouro para que a permeabilização do solo fosse mantida. Desta forma, e como este seria o espaço mais relevante para toda a construção, foi colocada uma claraboia no local do logradouro, com um sistema de distribuição de águas para o solo. Assim, foi possível criar o átrio e manter a memória do espaço ‘aberto’. Ao entrar no átrio, tem-se uma primeira impressão, quase de monumentalidade, da escada coberta pela claraboia, que dá acesso aos quartos. O contraste entre o quente da madeira ripada, usada para revestir o interior do átrio, com o betão frio da escada, acentua este aspeto. Só depois há uma perceção de onde se localiza a receção.

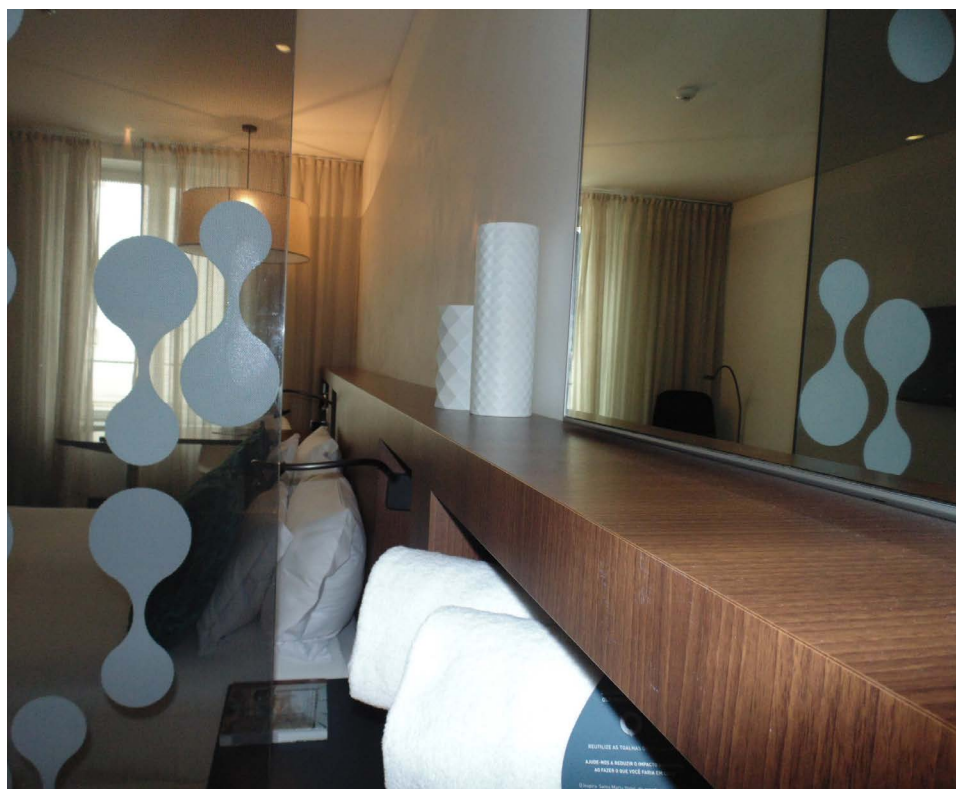
Fig. 10
Restaurante



Fig. 11
Corredor de acesso aos
quartos



Fig. 12
Relação entre o quarto e a
casa de banho



Todos os espaços de estar e de lazer, criados em redor do átrio surgem como se de elementos escavados se tratassem, quase como pequenos nichos que se tornam acolhedores e mais privados, escondidos de quem entra no hotel. Uma vez mais é através da materialidade do espaço que se revela esta ambiguidade.

O restaurante localiza-se logo na entrada. A vontade dos proprietários de abrir o espaço para a cidade, e não apenas para os hóspedes, foi determinante na escolha do espaço de refeição. Inclui ainda um balcão virado para o átrio que permite, em casos de maior pressa, servir com maior rapidez.

As salas de conferências, assim como o spa, são espaços que não necessitam de luz natural. Uma vez que as ruas laterais do hotel têm uma pendente bastante acentuada, e que as traseiras do hotel iriam ficar sem luz, foi decidido à partida que este seria o espaço indicado para a localização do spa e das salas de conferências.

Os corredores de acesso aos quartos, pintados e revestidos em tons negros de um lado e claros do outro, têm luzes pontuais: umas artificiais e outras que surgem desde o átrio. Estes tons escuros conferem ainda ao acesso horizontal a particularidade de não se conseguir antecipar quando é que surge uma nova entrada ou viragem do espaço, dando destaque às entradas para os quartos e não para o espaço público.

Os quartos do hotel, divididos em cinco tipologias⁵³ e em sete suites, estão localizados em redor do átrio principal, virados para o exterior. A sua disposição varia consoante a tipologia, no entanto, existem elementos que são sempre mantidos. Uma das principais particularidades dos quartos é a sua separação com a casa de banho ser feita apenas com um vidro que não é totalmente fechado. Este funciona assim para permitir que a peça de mobiliário criada para fazer a cabeceira da cama, se estenda até à casa de banho, permitindo

⁵³ Estas tipologias surgem da temática do hotel: o Feng Shui. Assim, os quartos estão divididos pelos elementos Água, Madeira, Fogo, Terra e Metal.

ter o lavatório também integrado. Esta é uma peça exclusiva do hotel pensada também pelos arquitetos.

As suites são espaços de maior dimensão que os quartos. Incorporam não só um quarto com casa de banho e jacuzzi integrados, como também uma sala que permite aos hóspedes terem uma casa de banho de serviço.

Ao analisar este hotel é possível compreender a relevância que a análise do lugar e dos seus antecedentes teve na realização do projeto. A mudança de uso, que antes tinha um palácio e uma tipografia, foi feita com recurso a uma demolição quase integral do espaço, permitindo agora ser um hotel. Apesar destas alterações, manteve-se sempre presente a memória do espaço, recorrendo não só à fachada principal, mas essencialmente na criação do átrio com uma claraboia. É essencial relevar que são estes ‘pequenos’ detalhes que fazem a diferença quando se trata de preservar memórias do lugar.

5 SÍNTESE

Ao longo deste capítulo foram explicitados alguns conceitos fundamentais para compreender a relação entre a memória e a arquitetura. Como tal, e para o finalizar, é fundamental sintetizar tudo o que foi estudado.

A memória, conceito fundamental deste trabalho, surge inicialmente como elemento isolado. Após esta análise, é essencial referir que esta é uma forma que o ser humano tem de recordar acontecimentos passados com o intuito de agir no presente e no futuro.

Em seguida, a centralidade é atribuída ao conceito de património. Assim, observa-se que ao longo dos anos este tem sofrido diversas modificações de acordo com a vida socio-económica dos diversos lugares. Conclui-se que este é relativo à sociedade em questão e que, tal como a memória, sofreu diversas mudanças. Hoje em dia, património é, portanto, tudo o que detiver um certo relevo perante a sociedade em que estiver inserido.

O conceito de reabilitação e as diversas teorias relativas ao restauro também surgem de forma a esclarecer a forma como esta temática tem sido desenvolvida pelos diversos teóricos. Desta forma, apresentou-se a teoria de Viollet-le-Duc, que privilegia o restauro-cópia, e a teoria de John Ruskin, que foi anti-intervencionista.

Assim, e de forma a clarificar o tema “memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica”, surge a relação entre o conceito de memória e o de património, mais concretamente património construído. Esclarece-se ainda que a reinvenção pode surgir como reinvenção arquitetónica ou sobre o construído.

Conclui-se, portanto, que a memória é claramente um

desencadeante da reinvenção arquitetônica e, ao mesmo tempo, o inverso também acontece. Se por um lado surge a reinvenção porque há necessidade de preservar memórias, por outro, a reinvenção despoleta o interesse sobre as memórias do lugar.

III | UMA PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DE GAVIÃO

1 O LUGAR DE INTERVENÇÃO - SEMINÁRIO DE GAVIÃO

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO

1.1.1 A VILA

A Vila de Gavião, sede do concelho com o mesmo nome, surge no distrito de Portalegre, na sub-região do Alto Alentejo, num planalto na margem Sul do rio Tejo, depois de extensas campinas que apenas são interrompidas pela serra de S. Mamede.

Como uma lança cravada entre o Alentejo, o Ribatejo e a Beira, é um concelho com características muito próprias, que lhe definiram um carácter peculiar que fazem jus ao slogan do município “Gavião, um Alentejo diferente.

Esta diferença é enfatizada pelas paisagens acidentadas e verdejantes onde diversos cursos de água se entrelaçam, para, na maioria dos casos, desaguardem no Tejo; sendo apenas exceção a Ribeira de Margem, na freguesia com o mesmo nome, que se une com a ribeira do Sor; e a Ribeira da Venda que atravessa a freguesia de Comenda, não sem antes se estender numa praia fluvial com o mesmo nome.

Gavião é um território habitado desde a época romana, em que, supostamente, tinha o nome de Fraxinum, de acordo com algumas fontes não oficiais, mas da qual não restam vestígios que confirmem esta teoria. Mais visíveis são as provas da ocupação durante o paleolítico de que restam antas, como a do Penedo Gordo, na aldeia da Torre, freguesia de Belver, e que integram a Rota do Megalítico.

Foi tornada Vila a 23 de Novembro de 1519 por foral concedido por D. Manuel I, sendo o feriado municipal comemorado no dia referenciado. Esta concessão permite à pequena vila ganhar relevo no mapa nacional, possibilitando a realização de feiras, evento

comercial de extrema importância para o desenvolvimento económico na época, alcançando assim alguma prosperidade. Com o início da aventura marítima portuguesa no século XV, os pequenos centros comerciais, como a Vila de Gavião, entram em declínio e esta vila permanece essencialmente agrícola até quase aos dias de hoje. O êxodo migratório dos anos 60 no século XX atinge dramaticamente este concelho que vem a perder até este momento dois terços da sua população, tendo aos censos de 2011 cerca de 1600 habitantes.

A toponímia da vila não difere muito de outras semelhantes à época da concessão do foral: Gavião tem início na Capela principal, denominada Capela do Espírito Santo, ainda hoje existente. Desta, partia a Rua Direita, que dava origem a outras ruas secundárias.

A implantação da Igreja Matriz também é determinante. A poucos metros de distância da Capela, é frente à igreja Matriz que surge o segundo largo mais relevante: o Rossio.⁵⁴

Com a formação oficial da Vila surgem as primeiras necessidades de administração e, como tal, surge o primeiro edifício da Câmara, junto à Capela, na praça de maior importância, pois “(...) nos tempos medievais as casas do Município erquiavam-se nos locais mais distintos e honrosos das terras”⁵⁵.

Mais tarde, em 1854, foi iniciada a construção da Câmara Municipal, na praça da Igreja Matriz. Contíguo à praça da Capela, este era o local mais nobre da vila, como tal era “(...) disputado pelos habitantes para ali se erguerem habitações (...)”⁵⁶. Neste local surgiram também edifícios como a farmácia ou a junta de freguesia. Com o evoluir dos tempos e da morfologia urbana, esta tornou-se o ponto de maior relevo da Vila, principalmente após a implantação da República em 1910.

54 PATRÃO, José Dias Heitor - “Gavião, Memórias do Concelho”; Lisboa: Edições Colibri, 2003, pág. 67

55 PATRÃO, José Dias Heitor - “Gavião, Memórias do Concelho”; Lisboa: Edições Colibri, 2003, pág. 85

56 PATRÃO, José Dias Heitor - “Gavião, Memórias do Concelho”; Lisboa: Edições Colibri, 2003, pág. 88

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

É neste local que se ergue o edifício em causa, no final do século XIX, com o intuito de servir de habitação para uma das famílias de maior relevo da sua época: a família Pequito Rebelo, possuidora de um vasto património agrícola que a consagra como o maior empregador do concelho durante a primeira metade do século XX.

1.1.2 O EDIFÍCIO - HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO DE USO

O actualmente denominado edifício do seminário de Gavião foi, provavelmente, construído no final do século XIX ou nos primeiros anos do século XX, sendo que a primeira referência encontrada sobre este é uma fotografia de 1906.

Constituído por dois pisos principais e dois de águas furtadas, este edifício era socialmente relevante para a sua época nesta Vila. O grande terreno na parte posterior do edifício, permitia ter um jardim e os armazéns agrícolas. No último piso, era possível aceder a uma varanda que permitia a vista sobre toda a vila, com especial da praça principal. Na ligação entre os dois edifícios, surge uma imitação de uma ameia de um castelo, com uma varanda direccionada para a Igreja Matriz, o que permitia à família assistir à saída das procissões da Igreja com muita discrição, notando-se já nesta época a grande ligação da mesma à religião.

Este, foi, inicialmente, construído como habitação. O intuito de servir de alojamento para uma das famílias de maior relevo da época foi o seu principal desencadeador. Inicialmente apenas foi construída a casa principal, na qual vivia a família e uma extensão que permitia alojar os seus funcionários. A escada central do edifício, os grandes salões e a ameia construída virada para a Igreja Matriz antecipavam a riqueza desta família.

Em 1920, e verificando a necessidade de criação de um Seminário na região de Portalegre, instala-se neste edifício, posto à disposição da Igreja pela Família Rebelo, o Seminário Diocesano de Portalegre. Com a crescente afluência de alunos e devido à dificuldade

de alojamento, estes, inicialmente, alojaram-se em casas vizinhas. Mais tarde, em 1940/44 surgiu a necessidade de criar um pavilhão que albergasse os estudantes. Desta forma, é acrescentada a parte posterior do edifício, conforme se pode ver pelo esquema apresentado (B).

Com o aparecimento de novos Seminários na região (Portalegre e Marvão), e até mesmo com o Seminário dos Olivais (Lisboa), deixa de fazer sentido continuar neste local com o seminário. Este, foi até agora, o uso mais prolongado deste mesmo edifício. Apesar das imensas propriedades da família em questão não terem sido “ocupadas” durante a época pós revolução de Abril de 74, a família e o respetivo património entram em declínio e abandonam quase que na totalidade terras e edifícios, não sendo alheias a este facto, as sucessivas mortes e partilha de heranças pelos diferentes ramos da família, que implicam divisões e subdivisões patrimoniais.

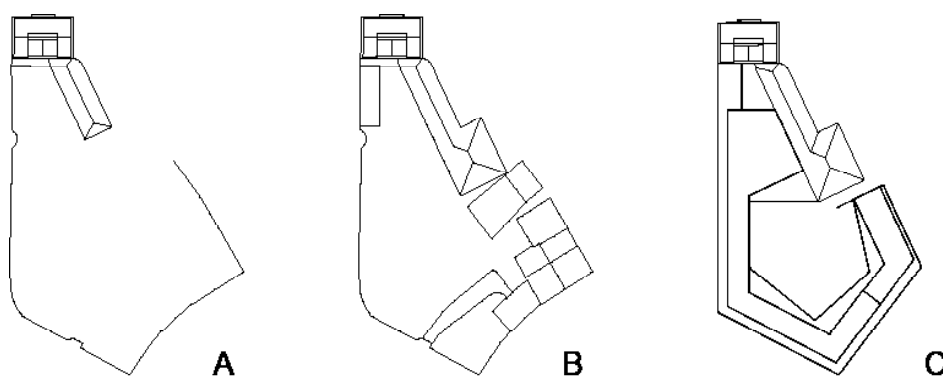


Fig. 13
Evolução morfológica do
Seminário de Gavião
A - final do séc. XIX -
habitação
B- Acrescento feito em
1940/44 - Seminário
C - Projeto atual - hotel

O edifício do Seminário, sobre o qual recai o presente estudo, não é exceção ao declínio referenciado e pertence atualmente a vários herdeiros, que na impossibilidade de o alienarem deixam degradar, sendo que parte da cobertura já cedeu. O facto de não ter qualquer tipo de manutenção há cerca de 25 anos, a degradação natural de materiais e até mesmo o vandalismo, contribuem para que, de dia para dia se note o mau estado do edifício, colocando em risco todos os que por ali passam.

No interior, algumas partes dos pisos, construídos ainda em

madeira assente em paredes de tijolo maciço, já ruíram. A grande maioria das janelas está destruída. Os tectos de madeira estão apodrecidos pela água que se infiltra, os tectos de gesso trabalhados foram reduzidos a pó.

No final dos anos 70, e devido à necessidade de criação do lar de idosos da Santa Casa da Misericórdia de Gavião, o edifício serve, temporariamente, de alojamento para este serviço. Pequenas alterações foram feitas, como a divisão de grandes salas para formar quartos, não tendo sofrido qualquer intervenção desde essa época.

Como tal, e atendendo à elevada importância deste edifício e à grande área por este ocupada na Vila, surge a necessidade de reabilitação e revitalização do espaço, atendendo às memórias que este transporta consigo.

2 O NOVO USO - UNIDADE HOTELEIRA

2.1 INTEGRAÇÃO NO CONTEXTO SÓCIO CULTURAL DA REGIÃO

O Alentejo tem vindo a ser referenciado nos últimos anos em Portugal e no Mundo como uma região de elevada importância a nível turístico. O processo evolutivo da sociedade aponta para uma procura crescente por diferentes tipos de turismo e não apenas pelo turismo de praia.

Sendo esta uma zona já relativamente diferente do que se conhece como Alentejo, surge uma vontade não só de implementar este novo turismo mas também de reforçar quer as diferenças, quer as similaridades com o restante Alentejo.

O projecto Alto Alentejo 2020 remete variadas vezes para um turismo de excelência, com especial relevância para o turismo equestre na zona de Alter do Chão. Mas em Gavião este tipo não se proporciona.

É no decurso destas mudanças que surge uma necessidade de criação de alojamentos nas vilas alentejanas, como tal, a Vila de Gavião aponta-se como apta para esta integração.

Esta alteração de paradigma, ajustada a um concelho com imenso potencial na área turística, explana-se agora pelas margens do Tejo, pela recuperação e revitalização dos pontos de interesse, como o castelo de Belver, na margem norte do rio Tejo, cuja musealização da torre de menagem, atrai turistas de todo o país e estrangeiro; bem como o Museu do Sabão, único sobre esta temática no território nacional, instalado no antigo edifício da escola primária, cuja recuperação é um

caso de sucesso na reinvenção da arquitetura.

Estes pontos de referência que incluem também um Museu das Mantas, que recupera a arte dos antigos teares, que teciam lã e linho, estão interligados por percursos pedestres (PR's), para aqueles que apreciam o desporto e a natureza, sendo um verdadeiro paraíso para todos os que se dedicam à fotografia. Os moinhos e espelhos de água do PR2, percurso de natureza que acompanha o curso das ribeiras de Alferreireira e Barrocas, ou o PR4 que culmina no ponto onde a ribeira do Sor envereda por um percurso subterrâneo, fazem deste concelho um território único e com uma oferta apelativa.

É no início de um destes percursos (PR1) que se encontra o principal ponto turístico: praia fluvial do Alamal. Escondida entre as colinas, na margem Sul do Rio Tejo, esta praia proporciona momentos de diversão e lazer que atraem anualmente um maior número de visitantes. Com uma vista privilegiada para a margem norte do rio Tejo onde se ergue o castelo de Belver e para a linha férrea que percorre toda a beira do rio, proporciona a quem a visita a possibilidade de aproveitar a praia, o rio, mas também os desportos náuticos, como o jet sky e a canoagem, ou os mais radicais como o slide e o rapel nas encostas.

Assim, a Vila de Gavião, integra-se essencialmente na natureza. Os variados percursos com início em diferentes áreas do concelho reflectem a diferença para com o restante Alentejo. As colinas verdejantes e os percursos de água, dão seguimento a estes percursos que passam de forma bastante apelativa pelos museus do concelho.

É no seguimento desta crescente procura por diferentes áreas de lazer que surge esta necessidade de criar um espaço de abrigo no ponto central de Gavião. Apesar das pequenas casas dispersas de turismo rural e da presença de um renovado hotel nesta praia, é necessária a criação de um ponto que dê especial relevo à sede destes espaços.

A criação de um núcleo hoteleiro que responda às novas necessidades da sociedade, que procura um turismo diferente, surge como oportunidade para esta região. Assim, esta vila e o concelho perdem o seu carácter quase que marginal relativamente ao restante Alentejo e começa a ocupar um espaço central pela oferta diferenciada, que também aposta numa gastronomia muito característica, rica e saborosa, no artesanato em torno da cortiça, mas também na oferta de produtos de elevada qualidade como o vinho, cada vez mais emergente, o azeite e o mel.

Esta integração e centralidade faz emergir a necessidade de alojar um turismo com uma procura cada vez mais internacional.

Tendo por base todos os pressupostos aqui equacionados, iniciou-se este projeto que os aglutina e lhes dá um sentido simultaneamente prático e pragmático, mas também revelador de uma alma alentejana diferente.

3 PROPOSTA DE REABILITAÇÃO E RECONVERSÃO DE USO DO EDIFÍCIO DO SEMINÁRIO DE GAVIÃO

3.1 INTERVENÇÃO URBANA – REINTEGRAÇÃO DO QUARTEIRÃO NA VILA

O edifício e os espaços exteriores do actualmente denominado Seminário de Gavião ocupam uma área bastante significativa da vila de Gavião. Além disso este espaço situa-se no largo de maior interesse a nível municipal. É neste sentido que surge a necessidade de reintegrar este quarteirão e devolver um uso ao edifício, tornando-o uma mais valia quer para a população que ali reside, quer para a economia local.

Ao reabilitar o edifício e considerá-lo uma unidade hoteleira, de certa forma, volta a qualificar o espaço, contudo, toda a envolvente acabou por se ir detriorando em torno da degradação do Seminário. Para que todo o quarteirão e a sua envolvente se tornem novamente repletos da vivacidade que a vila merece, foi necessário recorrer à recuperação das vias envolventes. As fachadas do edifício também contribuem para esta recuperação. Se por um lado se fecha todo o hotel, recuperando o muro que mantém a memória do espaço, por outro, o ritmo de vãos, a cor branca tão característica do Alentejo e até mesmo o encerramento da via a poente do Hotel, contribuem para a reativação do lugar.

Ao encerrar a rua acima enunciada ao tráfego automóvel, auxilia-se a reintegração deste quarteirão no sentido em que Gavião é uma vila de pequena dimensão no qual se percorrem os caminhos a pé. Assim, não só o espaço ganha uma nova dinâmica pela recuperação do edifício, como também por ser devolvido às pessoas que sempre

por ali deambularam.

No intuito de tornar o Largo do Município, a Norte do Seminário um ponto de referência no que toca ao concelho, surge a ideia de não criar a entrada principal a partir deste largo mas, sim de uma rua adjacente. Esta descentralização da entrada do Hotel permite que a mesma seja feita para o espaço expositivo que pode ser utilizado de forma mais pública que o próprio hotel.

Ao nível urbano a intervenção não se estende ao longo de muito mais espaço. A necessidade de intervenção dentro dos limites do quarteirão evidenciam-se como mais relevantes, quer para a preservação da memória do lugar, quer para a reintegração do quarteirão na vila de Gavião.



Fig. 14
Enquadramento na vila
e principais pontos de
atração turística

3.2 INTERVENÇÃO ARQUITETÓNICA – A MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DO PROJETO

Ao longo do projeto prático desenvolvido pôde observar-se que o espaço carecia de uma intervenção de grande escala. A nível urbano, tal como descrito anteriormente, não houve grande margem para intervenção uma vez que o espaço está ladeado por edifícios maioritariamente de habitação. No entanto, ao nível do edifício e do seu jardim, a intervenção necessária envolve uma grande transformação arquitetónica.

Uma vez que o tema pela qual se rege esta intervenção, “A memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica”, emerge a necessidade de analisar e definir à partida quais os elementos a manter e a demolir. Foi ainda necessário decidir que aspetos deveriam ser tidos em conta para que a memória fosse preservada.

Assim sendo, e tendo em conta o elevado estado de degradação do edifício, constatou-se que a casa principal seria o elemento primordial a manter, alterando a organização espacial por forma a albergar um novo uso. Ainda assim, com o intuito de remeter para a memória, as escadas que permitem o acesso aos diversos pisos da casa, apesar de novas, foram colocadas no centro do edifício, respeitando as existentes no original.

No seguimento destas alterações, foi ainda decidido que a forma do edifício em anexo à casa também deveria ser mantido, assim como o edifício acrescentado em 1940, uma vez que a forma como estes se relacionavam entre si era um aspeto fundamental a ter em consideração para a preservação da memória. Apesar da necessidade de as demolir parcialmente, a estrutura das fachadas foi mantida.

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

Ainda na continuidade desta intenção de preservação da memória, surgiram três elementos fundamentais: o muro, as abóbadas e a materialidade. Estes, apesar de todos serem novas (re)construções nesta intervenção, adquirem uma relevância superior no que toca à memória, uma vez que são aspetos que, seja através da recriação ou da relação com o lugar, ganham especial importância.

3.2.1 O MURO

O muro surgiu nesta intervenção como o principal meio agregador, quer ao nível do programa, quer ao nível da memória. No levantamento inicial realizado para este projeto é evidente a presença de um muro alto que encerra todo o espaço. Sendo este um elemento com mais do que uma centena de anos, o muro tornou-se uma constante presença na vida de quem ali passa, na memória coletiva dos habitantes da vila. Para muitos, o muro e a fachada foram e são das poucas coisas que conseguem ver do Seminário. Desta forma, surge este elemento como principal detentor de memória.

Neste sentido, propõe-se a reconstrução do muro em torno de todo o espaço, levando até mesmo ao extremo de o reproduzir nas fachadas pré-existentes, recorrendo ao betão branco.



Fig. 15
O muro como existe agora
- elemento conceptual e de
memória

No entanto, este muro adquiriu ainda uma outra intencionalidade: a de ser habitado. O espaço da casa tornar-se-ia bastante pequeno para albergar um hotel, desta forma, elaborou-se a ideia de ao contornar o espaço com o muro usá-lo para o tornar um espaço habitável. Assim, apresentam-se os quartos em volta de todo um espaço exterior fechado ao público. É ainda na continuidade desta ideia que se ergue um segundo piso, este recuado em relação ao muro, para que este ganhe maior destaque.

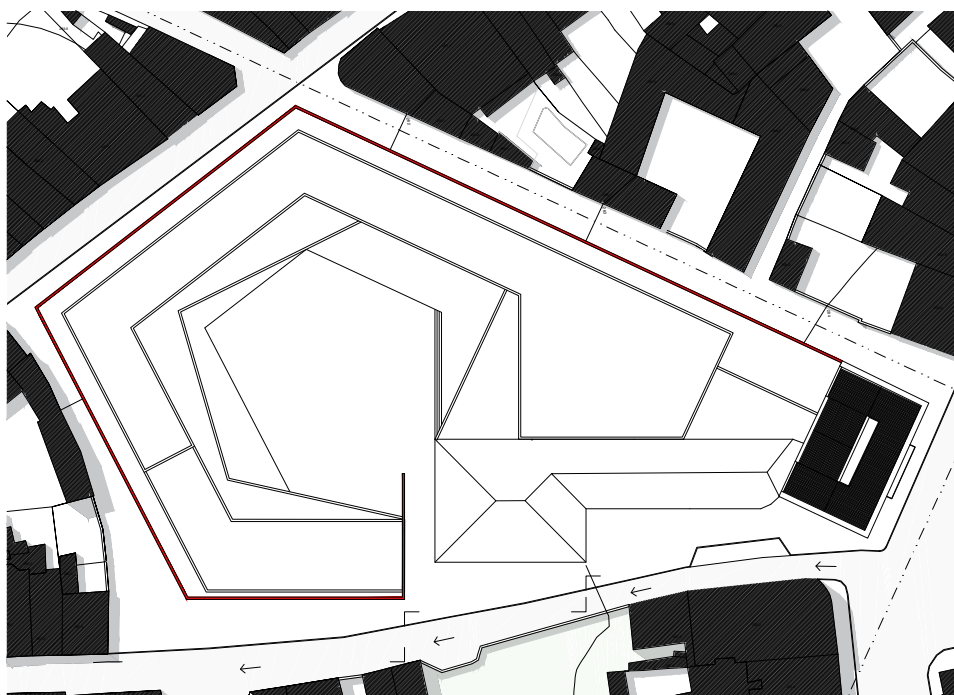


Fig. 16
O muro - elemento
conceptual e de memória

3.2.2 AS ABÓBADAS

Prosseguindo no encadeamento da análise inicial realizada para este trabalho, surgiram alguns elementos com maior destaque na casa principal. Os tetos altos e trabalhados são uma constante, no entanto, já não são elementos contemporâneos, necessitando de se adaptar a novas exigências e necessidades. As abóbadas sobre os corredores de acesso às salas também adquirem um grande destaque e podem ser conseguidas num projeto caracterizado pela integração da contemporaneidade.



Fig. 17
As abóbadas como
existem agora - elemento
conceptual e de memória

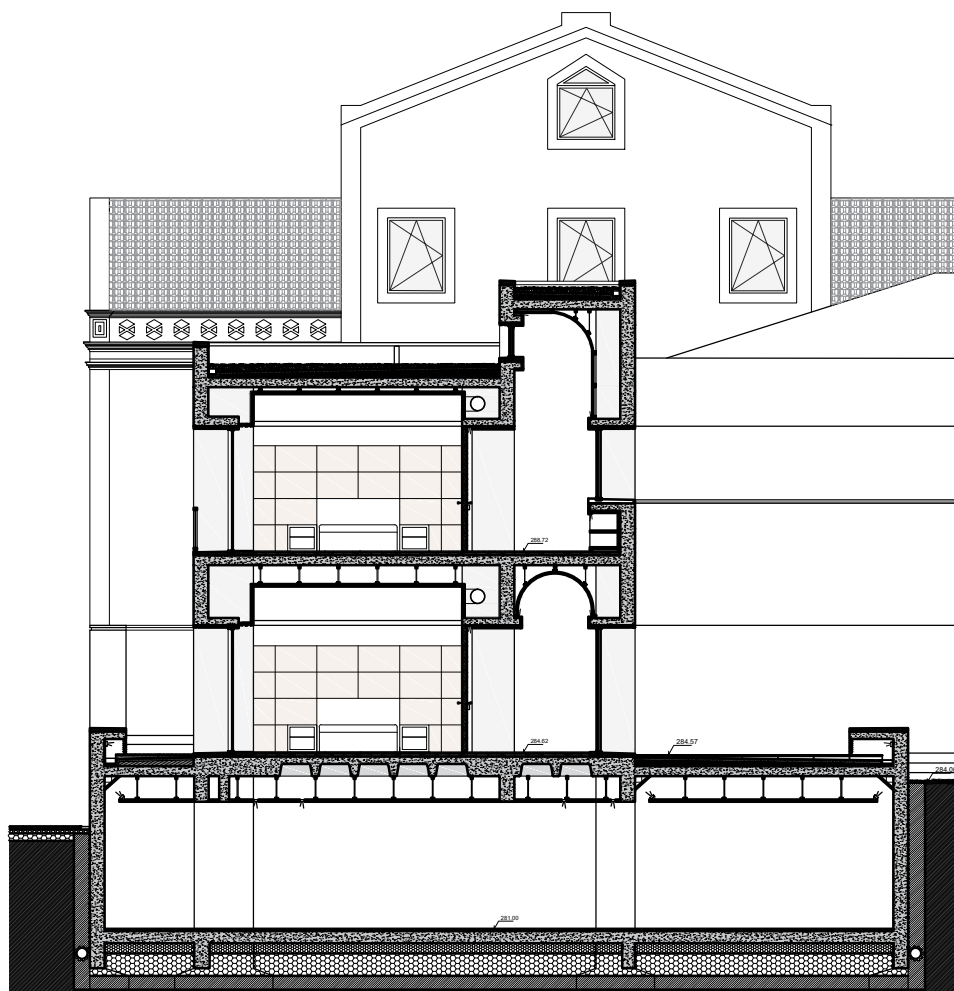


Fig. 18
As abóbadas - elemento
conceptual e de memória

Desta forma, as abóbadas de berço foram aplicadas nos corredores do piso térreo, tal como no edifício original. Ao invés, no piso superior, a abóbada é cortada a meio para que permita a entrada de luz através de um lanternim. Assim, esta 'abóbada' ganha um relevo diferente ao integrar-se neste espaço de forma contemporânea.

No espaço central dos quartos também foram colocadas abóbadas. Como espaço distribuidor, tal como o corredor, este elemento ganha uma nova dimensão, permitindo ao espaço de dormir tornar-se como que uma alcova. Ainda no quarto, é aplicada uma outra abóbada, ainda que de menor dimensão e no espaço central da casa de banho, tornando-a um elemento de destaque e com maior relevo em relação aos outros espaços.

3.2.3 A MATERIALIDADE - A CORTIÇA E O BETÃO BRANCO

A materialidade aplicada neste projeto ganha um relevo acentuado devido à forma como enfatiza as memórias. Enquanto nos dois elementos conceptuais apresentados anteriormente - o muro e as abóbadas - a memória é remetida diretamente para o espaço em questão, neste caso surgiu a memória com o Alentejo como um todo. Se por um lado, como se afirmou anteriormente, a Vila de Gavião surge com características diferentes do restante Alentejo, por outro este concelho continua a pertencer a esta região e conserva algumas das suas características, nomeadamente a alvura do casario tão típica deste território. Como tal, considerou-se necessário reintegrá-lo na região a que pertence.

Outro elemento tido em conta é a cortiça, material que assume um grande relevo em Portugal e, nos últimos anos, tem sido alvo de muita procura especialmente ao nível internacional. A crescente utilização na construção, quer como isolamento térmico e acústico, quer como elemento decorativo, também se tem verificado.

Assim sendo, o Alentejo - principal exportador de cortiça - surge sempre associado a este material. Como tal, usa-se a cortiça neste projeto, simultaneamente em ambas as suas vertentes - decorativa e isolante. Desta forma, preserva-se uma memória do Alentejo e permite-se uma melhor integração deste espaço no turismo da região.

O betão branco também surge como materialidade fundamental. Uma grande maioria desta construção foi feita com betão branco, com especial destaque para o muro exterior. A contemporaneidade do uso do betão associada ao branco - cor típica das casas alentejanas, como já foi referido acima - permite que este projeto procure adquirir um carácter único na região. Assim, este não só reflete o sol e não permite que o interior adquira temperaturas elevadas, como, através de um material tão usado nos dias de hoje, se remete para uma memória simbólica do Alentejo: as casas brancas.

3.3 PROGRAMA

O programa proposto para a unidade hoteleira baseia-se num aspeto fundamental: o da reinvenção. Apesar de estar condicionado a uma pré-existência, este permitiu relacionar os espaços destinados ao público alvo com os de serviço.

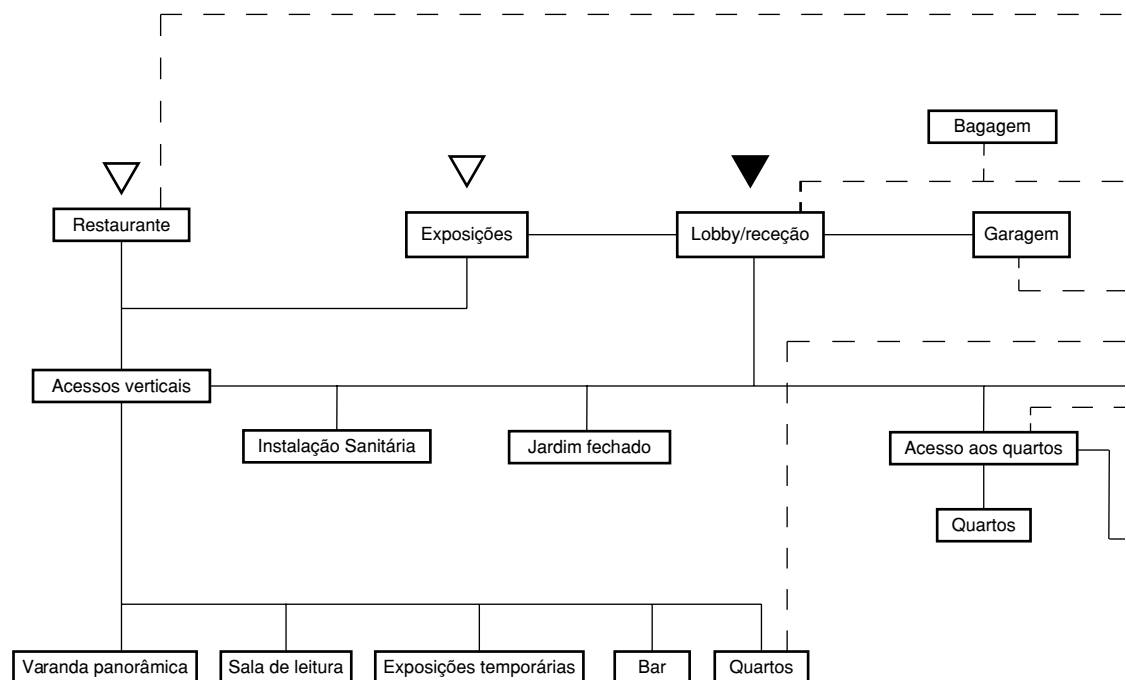
O programa base de uma unidade hoteleira, segundo a lei portuguesa (anexo I), prevê a existência de uma série de espaços, assim como o seu dimensionamento. Como tal, esses espaços estão condicionados, pelo menos à sua dimensão e relação entre eles.

Para que o edifício possa ser funcional quer na vertente turística quer empregadora, este é dividido em duas partes: uma pública e outra de serviço. Os serviços como cozinhas e armazenamentos, assim como a garagem, situam-se num piso parcialmente enterrado. Assim, aproveitou-se o desnível do terreno para a colocação da entrada para a garagem.

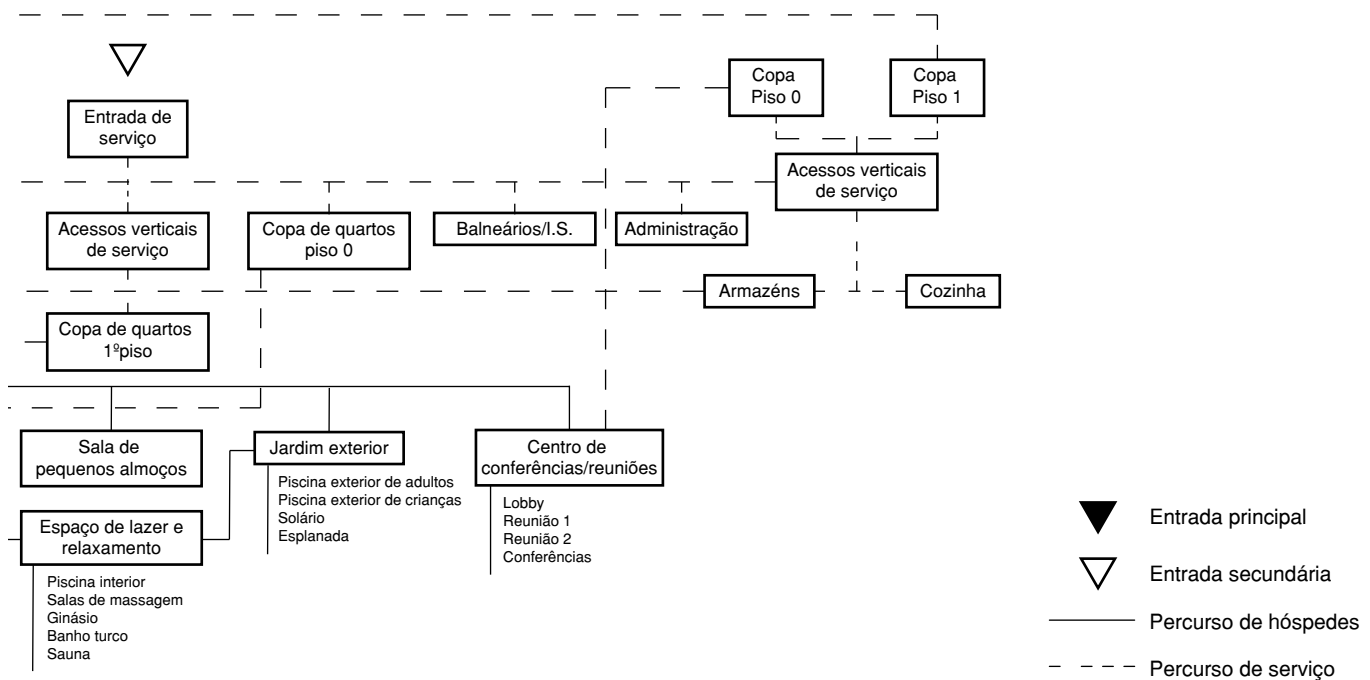
No piso térreo, na área de entrada e receção, é onde todo o percurso se inicia, ou seja, é a partir deste ponto que é possível aceder a todos os outros espaços pois este é o espaço distribuidor. É a partir deste espaço que o acesso a todos os locais do hotel é controlado pela receção, pois a partir daqui é feita a ligação aos corredores de acesso aos quartos, às salas de refeição e ao espaço exterior do hotel.

Na parte de acesso restrito a serviços a entrada inicia-se na fachada oposta à entrada principal, tornando-o mais resguardado e discreto. Assim, permite-se ter um percurso interno de serviço. Ao entrar por este acesso, é feita a ligação quer com os outros pisos quer com a área administrativa. O acesso ao piso inferior pode ser feito através de escada ou elevador de serviço e permite a ligação com as

cozinhas e com áreas técnicas. Uma grande maioria deste percurso é realizado neste piso, permitindo que nunca se cruze com o percurso de hóspedes, excepto na ligação ao espaço de lazer, que, pela sua natureza, impede que o acesso seja feito pelo piso enterrado.



3.3.1 Organograma distributivo



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a memória, o património e, conseqüentemente, a reinvenção arquitetónica há muito que é conhecida pelo Homem, respondendo à evolução das suas necessidades. Desde a época do Renascimento que se encontram evidências que remetem para esta vontade de reinventar e preservar o património, conservando a sua memória, porém, nem sempre esta tem um papel principal, chegando mesmo a ser ignorada.

As alterações que se têm vivido na sociedade atual levam a que, cada vez mais, se recorra à modificação e readaptação dos edifícios originais ao invés da produção de novas construções. Foi nesta linha de pensamento que emergiu o tema deste trabalho final de mestrado: “Memória como desencadeante da reinvenção arquitetónica”. É ainda durante o tempo de conceptualização que a estreita relação entre a memória do edifício e do lugar com a reinvenção arquitetónica é relevada, tornando-a como elemento fundamental de um projeto.

O projeto apresentado, resultado de uma combinação teórica e prática, direciona o pensamento para os três principais conceitos aqui apresentados e clarificados: a memória, o património e a reinvenção. É no seguimento desta análise que surgiu a reabilitação do edifício do Seminário de Gavião com o intuito de preservar e promover a memória do edifício e do lugar. Elementos como a escala, a proporção e a luz foram fundamentais para a aplicação da base teórica na componente prática. Desta forma, foi realizada uma proposta que visa remeter para a intervenção no património e que, ao mesmo tempo, evidencia a importância da memória.

Assim, pode afirmar-se em conclusão para este trabalho que a memória deve ter um papel de destaque no que toca a reinventar um lugar, pois só desta forma é possível manter uma harmonia de formas no espaço e uma evolução gradual e sustentada da relação entre a Arquitetura, o Lugar e o Homem.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

Tema

AAVV - “Memória”, in AAVV, “Dicionário Prático de Filosofia”; Tradução de Manuela Torres, Madalena Bacelar, João Silva Saraiva, Rui Pacheco; Lisboa: Terramar, 2007; pág. 251 e 252; ISBN 972-710-141-0

AUGÉ, Marc - “Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade”; Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

FREITAS, Maria João et al. - “ Revitalização Urbana - contributos para a definição de um conceito operativo”; QREN, 2005

LEITE, António Santos – “A Casa Romântica: Uma Matriz para a Contemporaneidade”; Lisboa: Caleidoscópio, 2015; ISBN 9789896582630.

GOFF, Jacques le – “Memória” in AAVV, “Enciclopédia Einaudi”; Tradução de Bernardo Leitão, Irene Ferreira; Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997; Volume I, pág. 11 a 50; ISBN 972-270080-4

NOBERG-SCHULZ, Christian – “Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture”, New York: Ed. Rizzoli, 1979.

ROSSI, Aldo – “A arquitectura da cidade”; Tradução de José Charters Monteiro; Lisboa: Edições Cosmos 2001; ISBN 972-962-126-0

SIZA VIEIRA, Álvaro - “Textos 01 – Álvaro Siza”; Coleção Arquitectura;

Porto: Livraria Civilização Editora; ISBN 9789722629232.

AGUIAR, José - “Guião de apoio à reabilitação de edifícios habitacionais”; Lisboa: LNEC, 1998, ISBN 972-49-1726-6.

CHOAY, Françoise – “A Alegoria do Património”; Trad. Teresa Castro; Título original: L’Allégorie du Patrimoine; Lisboa: Edições 70, 1999; ISBN 978-972-44-1274-0

PRIBERAM – “Património” [em linha], Dicionário Priberam da Língua Portuguesa 2008-2013

GRACIA, Francisco de - “Construir en lo Construido – La Arquitectura como Modificación”; Madrid: Editorial Nerea, 1992; ISBN 84-86763-65-7

Casos de estudo

GRAZIELA, Afonso - “Santa Maria do Bouro”; Lisboa: White & Blue, 2001, ISBN 972-8650-01-9

http://www.promontorio.net/index.php?page=project&sub=2&id=31&pageNum_rs_list=1 [em linha]
Consultado em 12/02/2016

O lugar de intervenção

PATRÃO, José Dias Heitor - “Gavião, Memórias do Concelho”; Lisboa: Edições Colibri, 2003, pág. 67; ISBN 972-772-426-4

Projeto

<https://dre.pt/> [em linha]
consultado em 05/03/2015

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

ANEXOS

Anexo I | Legislação Portuguesa dos espaços programáticos

No seguimento da análise prévia realizada com o intuito de compreender o espaço hoteleiro a realizar, foram tidos por base os decretos de lei e portarias referentes quer a unidades hoteleiras, com vista a perceber os espaços a contemplar e as áreas mínimas correspondentes, assim como os decretos de lei e portarias referentes a segurança contra incêndios e acessibilidade.

Assim sendo, o principal Decreto-lei tido em conta foi o 39/2008 de 7 de Março que, por diversos motivos, já foi retificado pela Declaração de Retificação 25/2008. Desta forma, foi possível verificar os requisitos mínimos para a execução de um espaço hoteleiro que respeitasse a legislação portuguesa em vigor.

Apesar de, neste caso, o objetivo ser criar um hotel de charme com uma temática associada, e de não se ter como objetivo a criação de um hotel regido pelas estrelas, foi ainda tida em conta a Portaria 327/2008 de 28 de Abril, para que fossem também cumpridos os requisitos mínimos exigidos para um hotel de 4 estrelas. Nesta, foi tido em conta principalmente as áreas dos quartos e os espaços mínimos exigidos.

1. Instalações							
Áreas (3) dos quartos	23	Área mínima dos quartos individuais	—	9 m ²	10,5 m ²	12 m ²	14,5 m ²
	24	Área mínima dos quartos duplos	—	11,5 m ²	13,5 m ²	17 m ²	19,5 m ²

Fig. 19
Quadro de áreas mínimas para quartos em estabelecimentos hoteleiros

Anexo II | Levantamento sobre o Seminário de Gavião

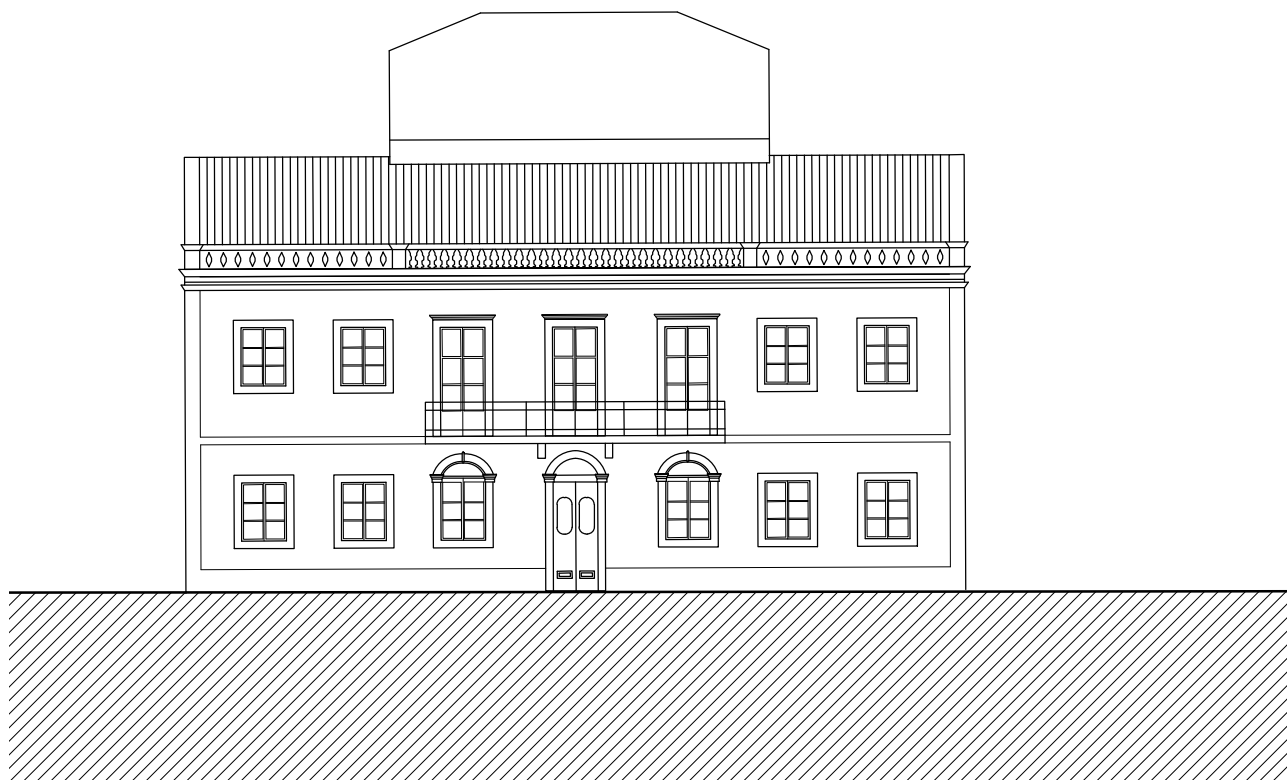


Fig. 20
Fachada principal

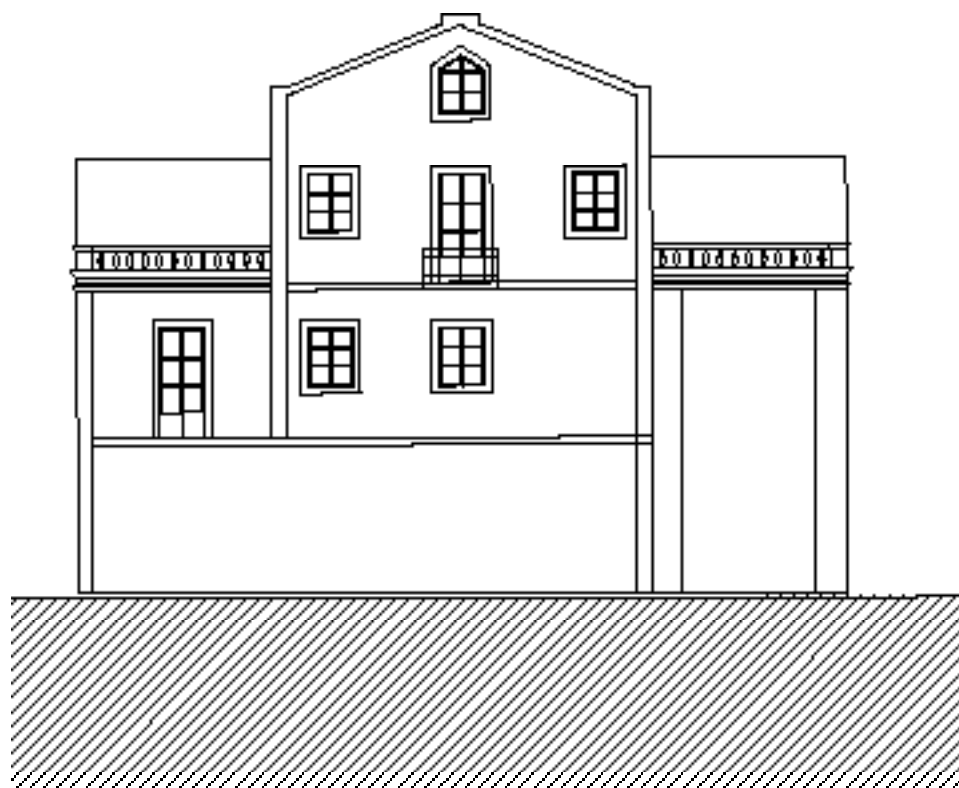


Fig. 21
Fachada para o jardim

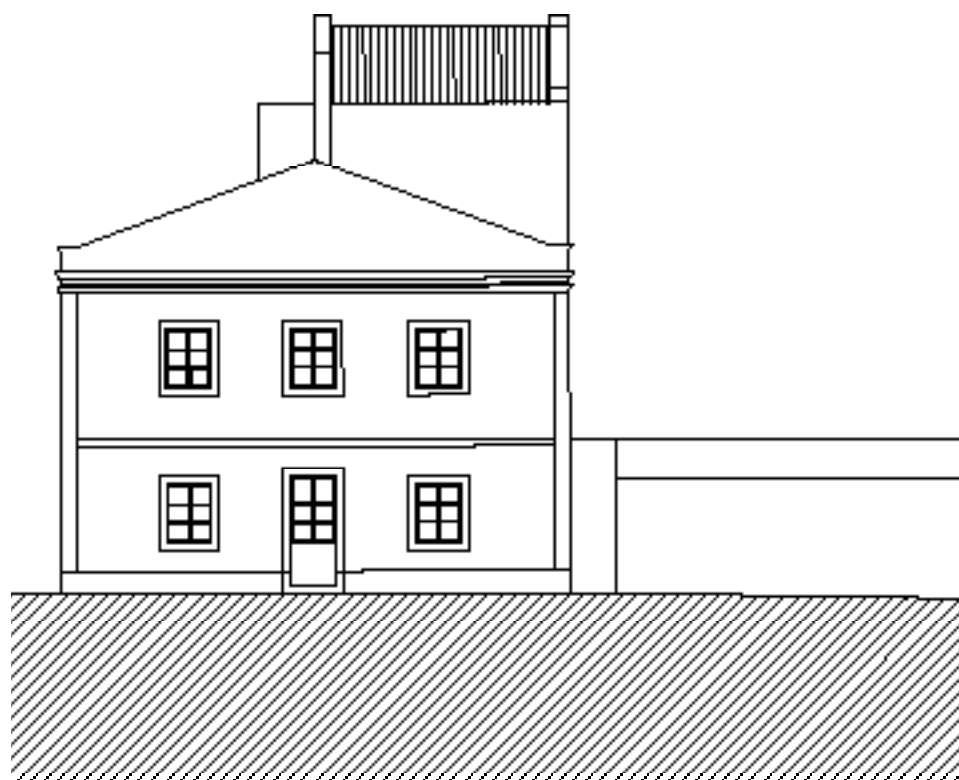


Fig. 22
Fachada lateral

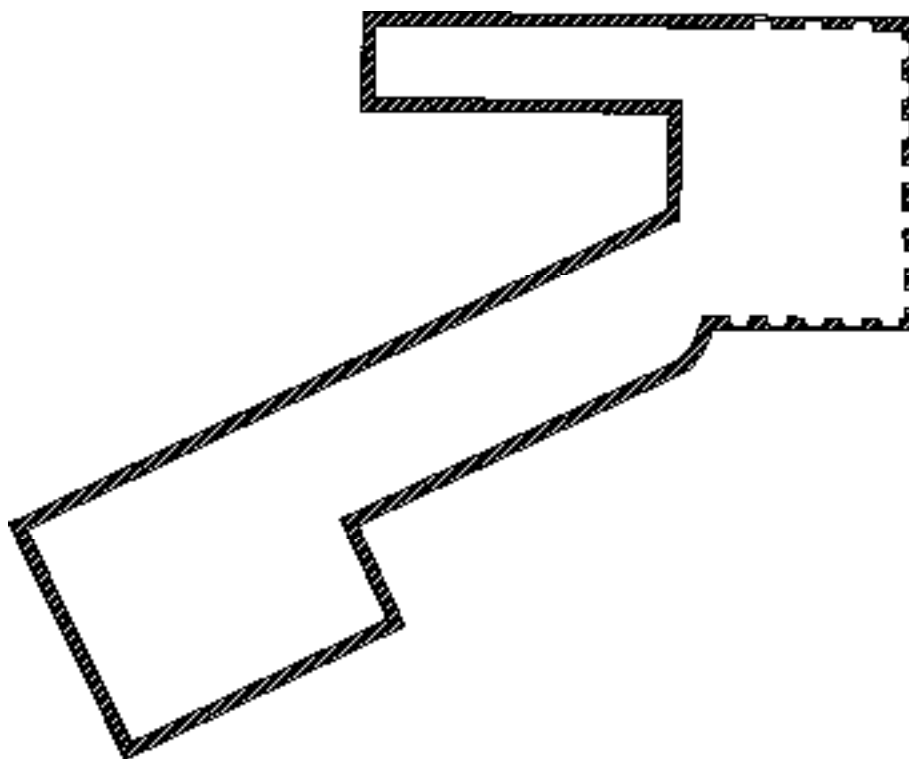


Fig. 23
Planta do piso 0

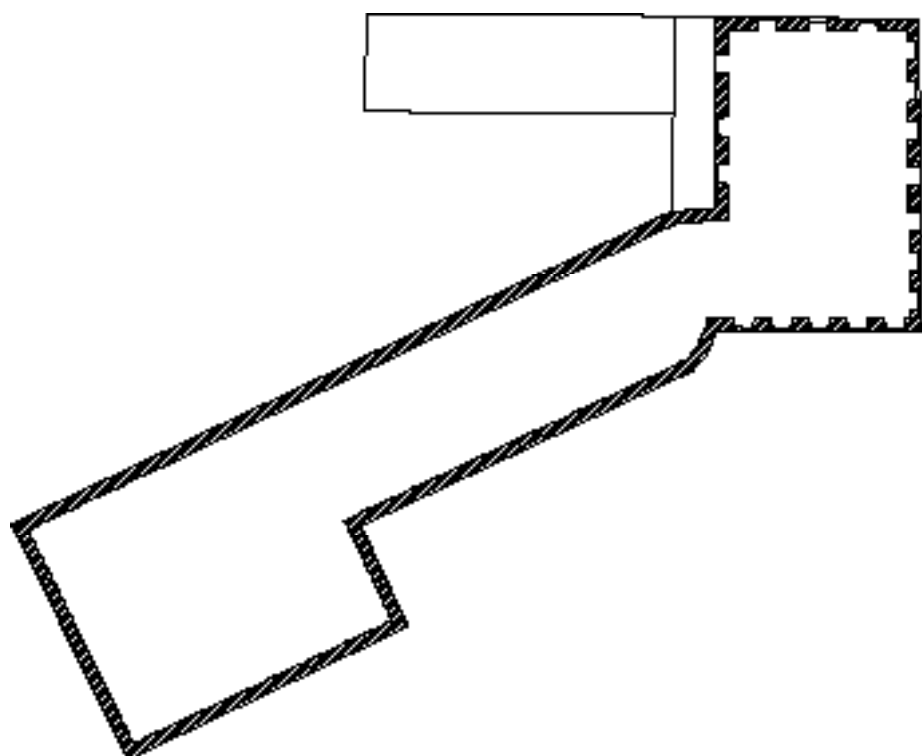


Fig. 24
Planta do piso 1

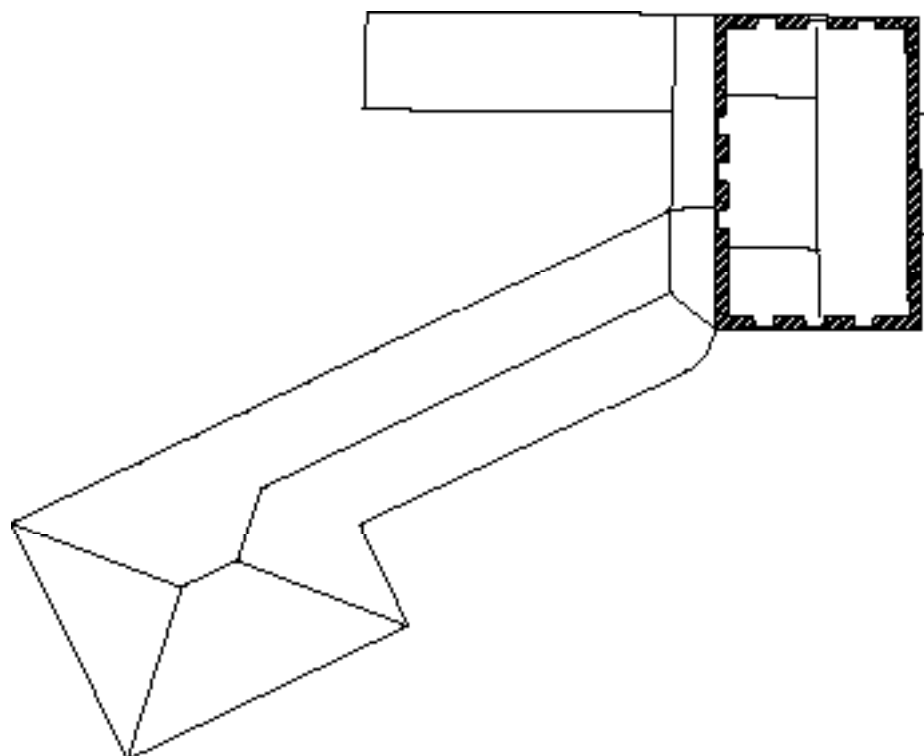


Fig. 25
Planta do piso 2

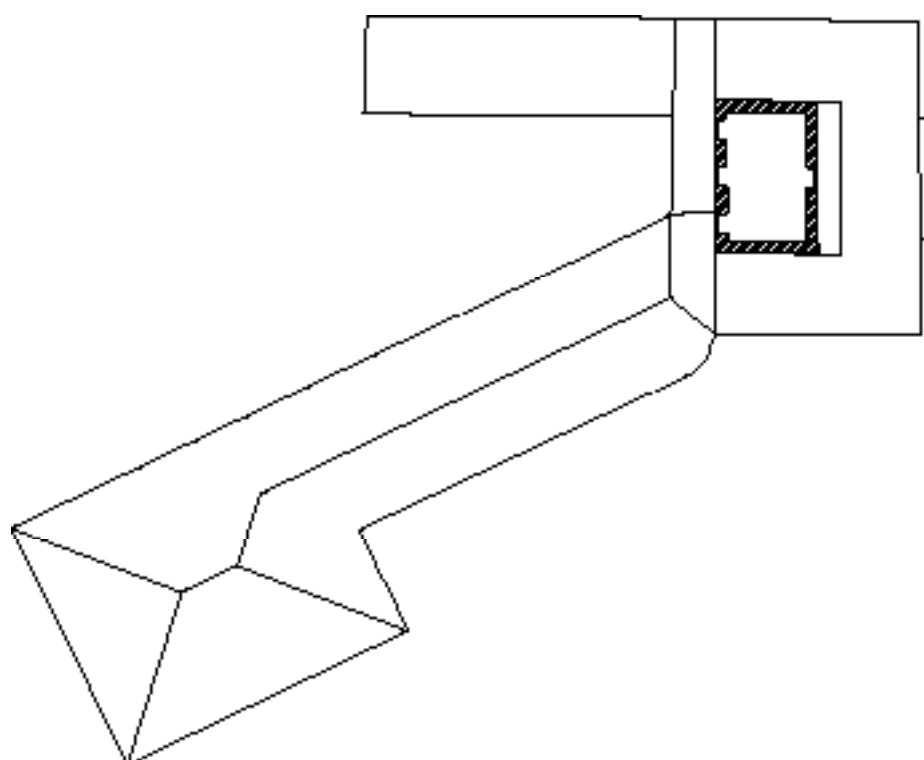


Fig.26
Planta do piso 3

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

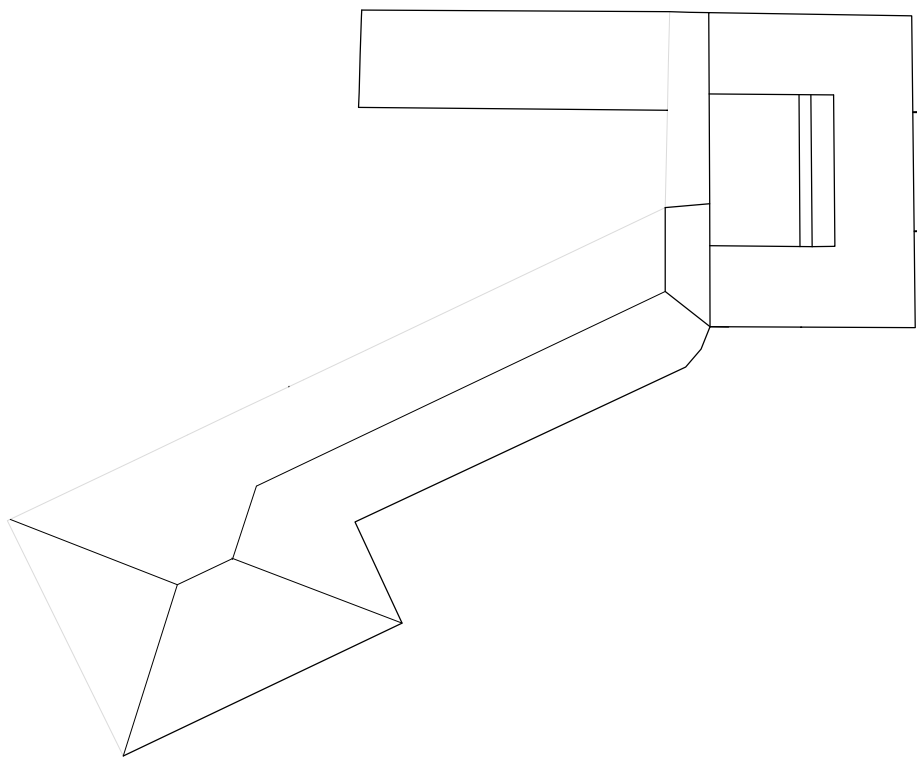
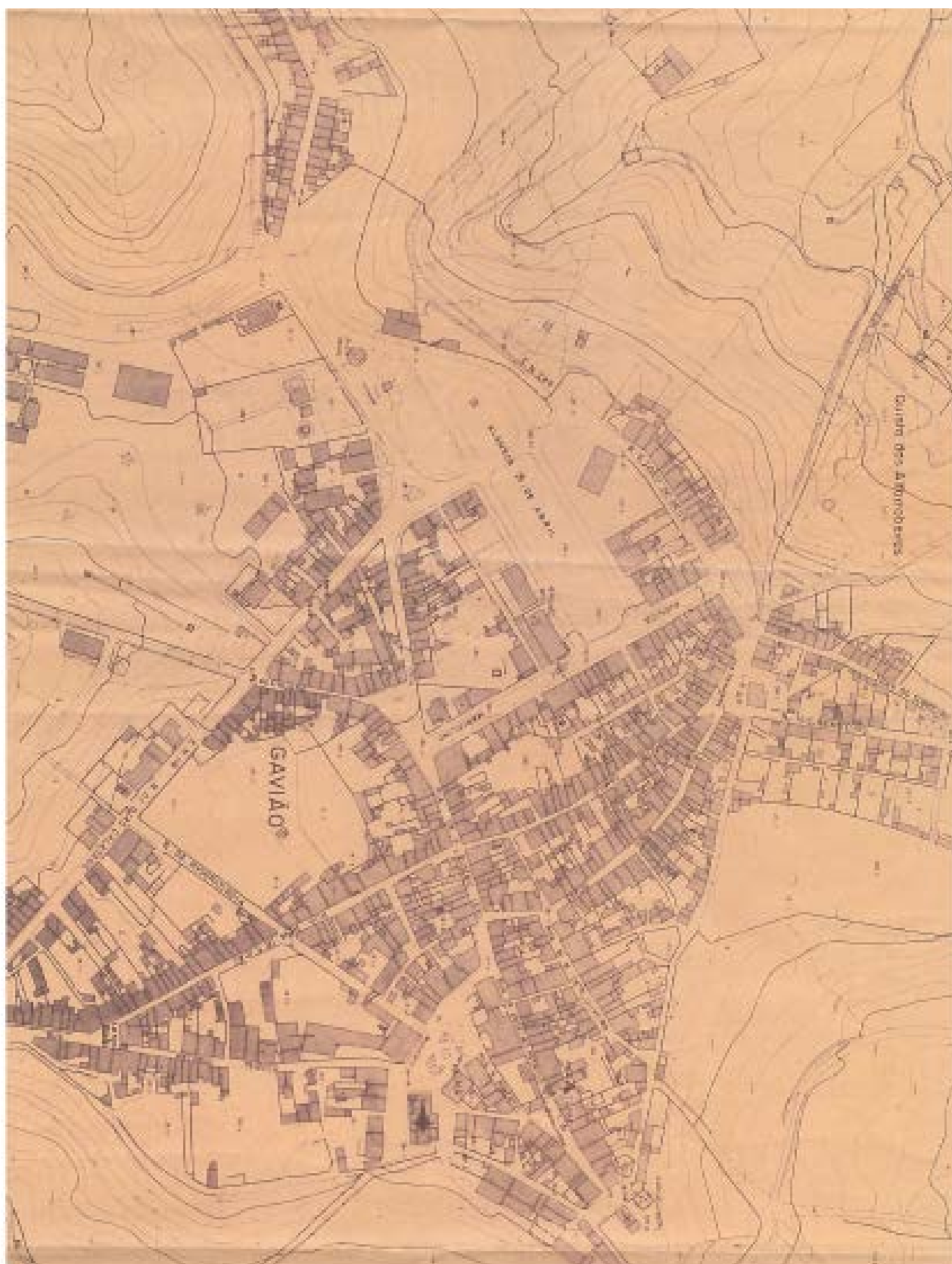


Fig. 27
Planta do piso 2



MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião



MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

Anexo III | Levantamento fotográfico



Fig. 28
Fachada Norte da casa principal
Fig. 29
Fachadas lateral e frontal da casa principal



Fig. 30
Fachada lateral - início do muro
Fig. 31
Jardim e muro



Fig. 32
Fachada lateral da casa principal
Fig. 33
Fachada do edifício secundário

Fig. 34
Janela da fachada principal
Fig. 35
Varanda para o jardim



Fig. 36
Varanda para o jardim
Fig. 37
Topo de um dos edifícios anexos



Fig. 38
Entrada da casa principal
Fig. 39
Sala com teto em madeira



MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

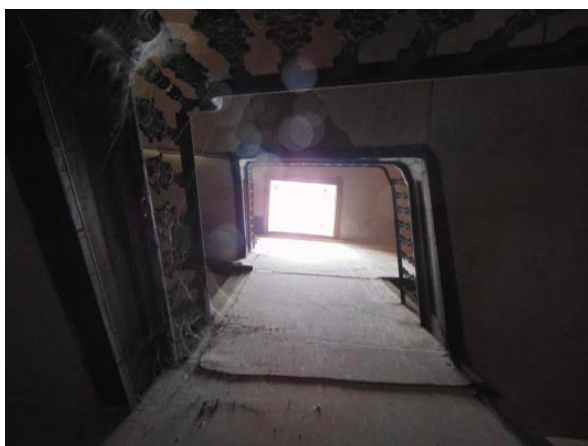


Fig. 40
Escada principal
Fig. 41
Corredor com abóbada



Fig. 42
Sala principal
Fig. 43
Escada secundária



Fig. 44
Teto trabalhado em gesso
Fig. 45
Entrada secundária com abóbada



Fig. 46 a 48
Vistas aéreas através de
filmagem por drone

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião



Fig. 49 a 51
Vistas aéreas através de
filmagem por drone

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

Anexo IV | Fotografias das maquetes de estudo

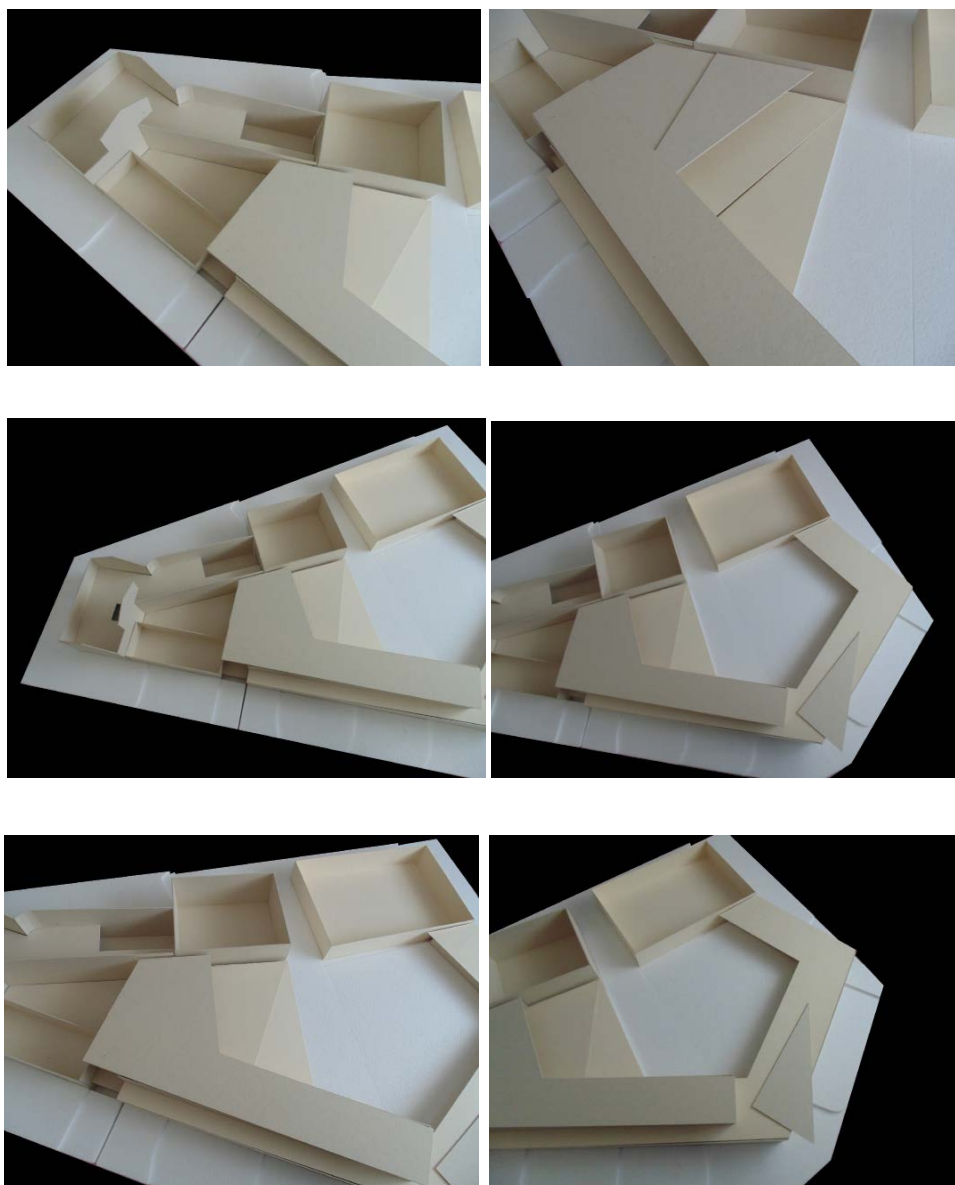


Fig.52 a 57
Maquete de estudo inicial
escala 1/100
cartão maquete e esferovite

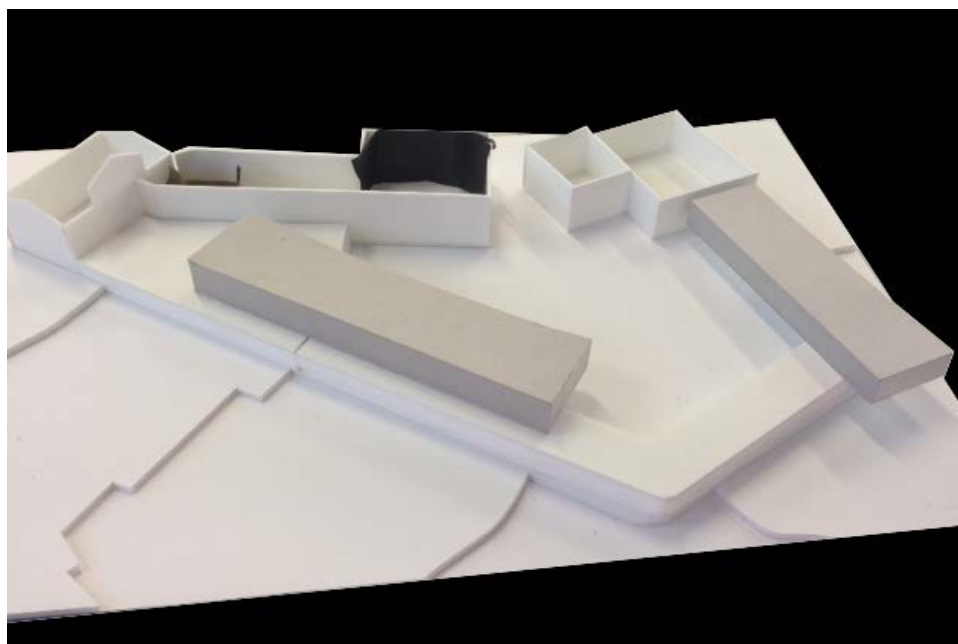


Fig 58 e 59
Maquete de estudo escala
1/200
cartão prensado e
esferovite

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião



Fig.60 e 61
Maquete de estudo do
quarto
escala 1/20
cartão prensado e esferovite

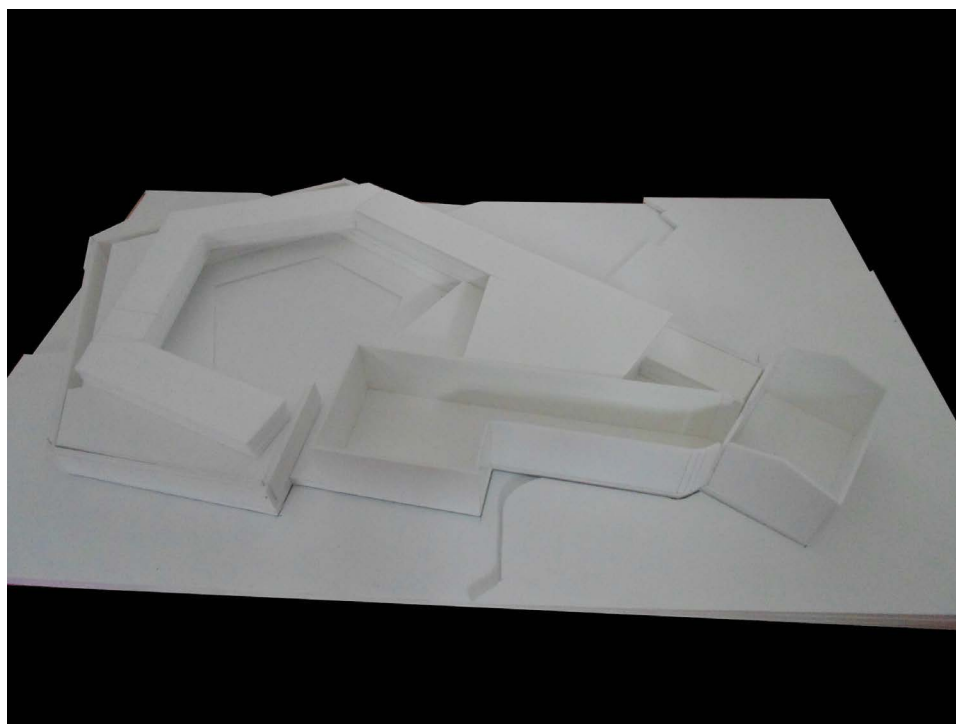


Fig 62 e 63
Maquete de estudo escala
1/200
k-line

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião



Fig.64 a 66
Maquete de estudo do
quarto
escala 1/50
cartão prensado e cortiça

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

Anexo V | Fotografias das maquetes finais

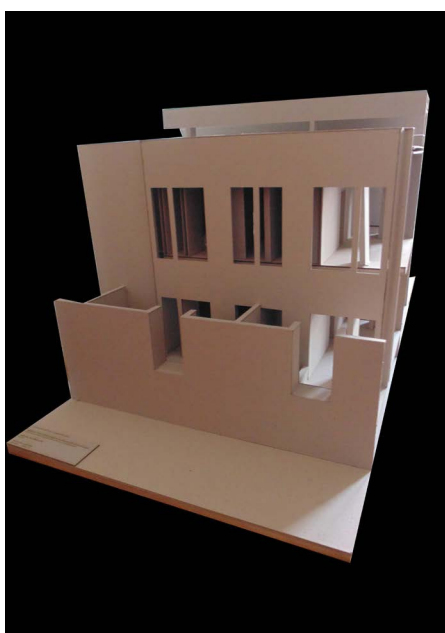
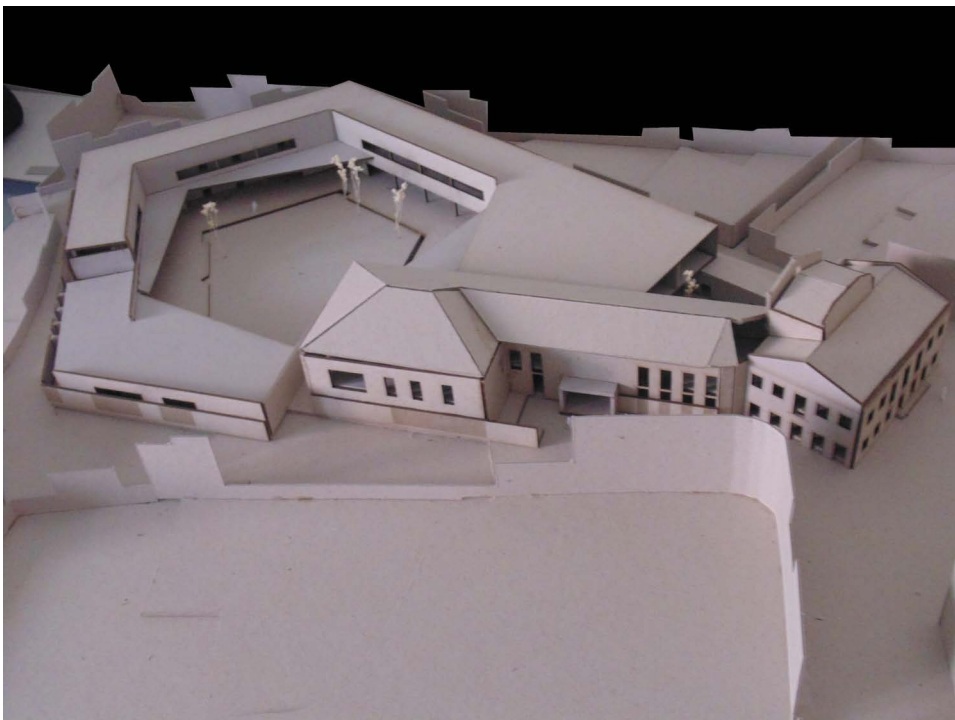
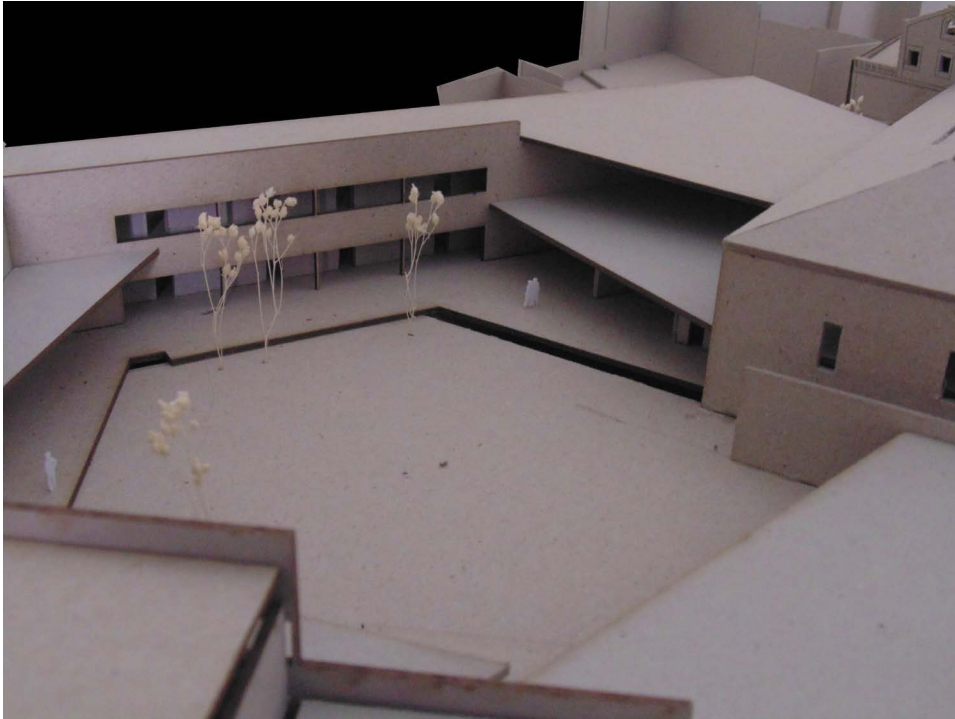


Fig.67 a 70
Maquete final de um corte
do edifício
escala 1/20
cartão prensado



MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA
Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

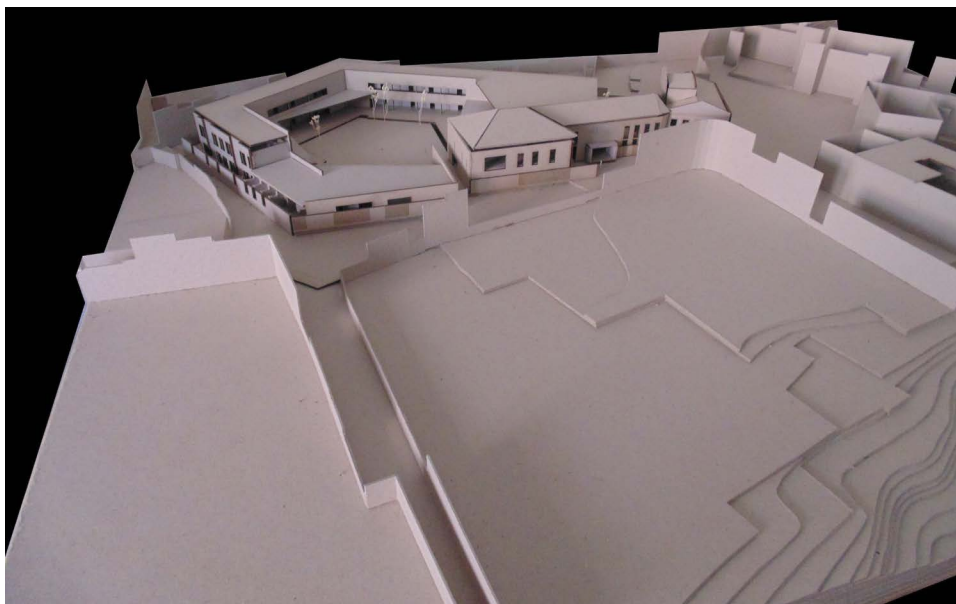


Fig.71 a 74
Maquete final do edificado
escala 1/200
cartão prensado

Anexo VI | Peças desenhadas

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

MEMÓRIA COMO DESENCADEANTE DA REINVENÇÃO ARQUITETÓNICA

Uma proposta de reabilitação e reconversão de uso do edifício do Seminário de Gavião

